



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Mestrado em Psicologia Clínica

Abuso Sexual: Um trajeto da fantasia ao real

Bibiana Godoi Malgarim

São Leopoldo, RS

Agosto de 2009.



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Mestrado em Psicologia Clínica

Abuso Sexual: Um trajeto da fantasia ao real

Bibiana Godoi Malgarim

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Clínica Infantil, sob a orientação da Professora Orientadora: Dra. Silvia Pereira da Cruz Benetti

São Leopoldo, RS

Agosto de 2009.

M248a Malgarim, Bibiana Godoi.
 Abuso sexual : um trajeto da fantasia ao real / Bibiana
 Godoi Malgarim. – 2009.
 123 f. : il. ; 30 cm.

 Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio
 dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2008.

 “Professora Orientadora: Dra. Silvia Pereira da Cruz
 Benetti”.

 1. Abuso sexual. 2. Crianças maltratadas sexualmente.
I. Título.

CDD 616.85836

CDU 616.89-008.44-053.2

Catálogo na publicação: Bibliotecário Flávio Nunes, CRB 10/1298

Dedicatória

Dedico a todas as meninas que, em algum momento de suas vidas, foram marcadas pela vivência do abuso. E que, ainda assim, conseguem abrir espaço para uma pesquisa como essa.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a todos que fizeram desse momento da minha vida uma realidade.

Agradeço a Deus, em particular. A Ele por todas as horas, por todas as pessoas e por tantas chances.

Aos meus pais, com carinho, os quais foram fundamentais para que esse título se tornasse possível.

Agradeço a minha orientadora, Prof.^a Sílvia Benetti, a qual pacientemente conduziu sua orientanda tempestuosa e ao mesmo tempo, apaixonada pelo que faz.

À Cláudia Palma, psicóloga e supervisora, a quem devo gratidão pelo trabalho realizado junto a mim.

Agradeço ao meu noivo querido, Rodrigo, a quem dedico carinho especial devido ao apoio, atenção e paciência. Itens esses, indispensáveis a quem se propõe uma empreitada como essa.

As minhas amigas, companheiras de alegrias e tristezas, queixas e risadas. A Caroline, em especial, por me abrigar em sua casa e por me ter como amiga.

Finalmente, espero que esse seja um caminho dê continuidade a uma vida profissional plena e feliz.

Sumário

Introdução	7
Relatório da Investigação	9
Objetivos	18
Método	18
Procedimentos de coleta de dados	19
Participantes	21
Instrumentos	22
Resultados	28
Caso 1	28
Histórico Pessoal	28
Relatos das Sessões	29
Dados da Avaliação	42
Teste do Rorschach	42
Teste do HTP	46
Discussão	50
Caso 2	54
Histórico Pessoal	54
Relatos das Sessões	55
Dados da Avaliação	61
Teste do Rorschach	61
Teste do HTP	65
Discussão	68
Artigo Teórico	72
Artigo Empírico	92
Considerações Finais	111
Referências	116
Anexos	122
Anexo 1	123

Introdução

O presente trabalho visou apresentar a Dissertação de Mestrado realizada junto ao Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, cujo título é **Abuso Sexual: Um trajeto da fantasia ao real**. O objetivo desta pesquisa foi compreender e interpretar a dinâmica das representações das relações objetais de duas pré-adolescentes encaminhadas por suspeita de abuso sexual, através de métodos projetivos, como o Rorschach e o HTP. A escrita deste trabalho ocorreu em 3 etapas que serão descritas seguir.

Primeiramente, na Seção 1, será apresentado o Relatório de Investigação composto pela descrição do desenvolvimento da pesquisa realizada, ou seja, a apresentação geral do tema, os objetivos, a metodologia utilizada, os participantes e os resultados obtidos. Como o tema em questão é de extrema complexidade, polêmico e ao mesmo tempo amplo, desde o início do trabalho, buscou-se manter a questão teórica próxima e bem elucidada para fins de compreensão do que se buscava a seguir.

As Seções 2 e 3 do documento incluem, respectivamente, um artigo de cunho teórico e outro empírico sobre o Abuso Sexual e Psicanálise. No primeiro, propôs-se a realização de uma revisão ampla da teoria clássica freudiana sobre a origem do Complexo de Édipo, seus enlaces com o conceito de trauma e a articulação de ambos com a questão do abuso sexual. Foram considerados também autores contemporâneos, como Nasio (2007), que a revisam teoria freudiana. Tornou-se imprescindível, para tanto, trazer para o estudo a teoria freudiana clássica, visto que seu início encontra-se muito ligado ao tema do trabalho: o abuso sexual incestuoso, o qual originalmente na teoria associava-se a uma fantasia inconsciente. Portanto, o ponto principal de toda essa revisão voltou-se para a compreensão de como as representações objetais e a questão traumática organizam-se em um processo esperado do desenvolvimento psíquico.

Na Seção 3, encontra-se o artigo empírico, no qual se buscou subsídios para compreender a dinâmica das representações objetais de duas pré-adolescentes encaminhadas por suspeita de abuso sexual. Através de instrumentos projetivos, o Rorschach e o HTP, foi possível realizar uma investigação profunda da estrutura e do funcionamento da personalidade dessas meninas, assim como indicar pontos comuns a respeito de situações traumáticas, oferecendo, dessa forma, elementos de discussão que contemplam os objetivos do estudo. Para tanto, investigaram-se os casos de duas meninas na faixa etária de 10 a 13 anos, as quais

foram encaminhadas para avaliação, por suspeita de abuso sexual, ao serviço Acolher da cidade de Santa Maria, RS. No processo de avaliação, os instrumentos utilizados foram: HTP (Buck, 2003) e Rorschach (Anzieu, 1986), além da Hora de Jogo Diagnóstica (Efron, Fainberg, Kleiner, Sigal & Woscoboinick, citado por Ocampo, Arzeno, Piccolo e col., 2001) e Entrevistas Psicológicas (Aberastury, 1992).

Assim, a realização desta pesquisa permitiu uma compreensão aprofundada da dinâmica do funcionamento dos casos, estabelecendo principalmente o impacto das questões traumáticas associadas ao abuso nas trajetórias das meninas estudadas. Além disso, foi possível igualmente compreender como a situação de abuso sexual havia sido interpretada por elas, um aspecto relevante para uma visão abrangente do processo.

Os dados obtidos também revelam que, de forma geral, os instrumentos projetivos são boas ferramentas na investigação profunda da personalidade de sujeitos, apontando pontos comuns quando se trata de situações de trauma e de violência. Neste sentido, corroborou-se o que a bibliografia da área tem destacado em relação ao impacto do abuso sexual em crianças e adolescente, acrescentando novas reflexões sobre a dinâmica do trauma e contribuindo para um estudo aprofundado a respeito de temática tão complexa. Por último, destaca-se a contribuição de ferramentas projetivas, especialmente da avaliação realizada com o teste HTP, instrumento não encontrado em pesquisas nacionais sobre o tema.

RELATÓRIO DA INVESTIGAÇÃO

A questão dos maus-tratos infantil, dentre elas o abuso sexual, é vista atualmente como um grave problema de saúde pública em virtude da frequência de casos (Organização Mundial da Saúde - OMS, 1999) e das conseqüências negativas tanto para o sujeito vitimado quanto para a sua família (Amazarray & Koller, 1998; Lejderman, 1991; Pfeiffer & Salvagni, 2005). Revisões bibliográficas sistemáticas realizadas por pesquisadores da área sobre o tema indicam um crescente interesse na identificação de diferentes aspectos do problema, envolvendo questões epidemiológicas, características, fatores associados e conseqüências do abuso sexual no desenvolvimento individual (Macdonald, Higgins, & Ramchandani, 2007). Verifica-se, entretanto, que, apesar da extensa contribuição de diferentes áreas, há uma escassez de estudos baseados na compreensão psicanalítica sobre o abuso sexual (Hachet, 2006, Mess, 2001). Neste sentido, embora existam estudos relativos às conseqüências psicológicas do abuso, estes não abordam de forma aprofundada a temática no que diz respeito às alterações traumáticas que o abuso pode gerar em um sujeito sob o vértice da compreensão psicanalítica.

Outro ponto possível de ser observado nos estudos disponíveis é a inexistência de uma limitação entre as conseqüências e o impacto do abuso sexual na infância e na adolescência. Ou seja, observa-se que as pesquisas, em geral, não se detêm em fazer uma distinção muito nítida entre essas fases de desenvolvimento da infância e da adolescência, não levando em conta algumas peculiaridades pertinentes a cada momento do desenvolvimento. Entretanto, tanto a infância como a adolescência possuem peculiaridades e singularidades que devem ser consideradas tanto em intervenções como na própria investigação científica (Amazarray & Koller, 1998).

Desta maneira, a proposta deste trabalho tem como foco a questão do abuso sexual, recente ou não, considerando especificamente a fase da puberdade ou pré-adolescência, em relação às importantes tarefas associadas a esta fase de desenvolvimento, tais como os processos de individuação e de construção da identidade sexual. Na pré-adolescência, segundo a teoria psicanalítica clássica (Blos, 1998), ocorre a reedição edípica, um momento específico da vida da criança e de fundamental importância na estruturação mais decisiva da

identidade sexual e da escolha objetal. Logo, o abuso nessas circunstâncias pode vir a desencadear inúmeras dificuldades emocionais, as quais terão profundo impacto na estruturação e no desenvolvimento psicológico posterior do sujeito.

Assim, o presente estudo buscou compreender o caminho para a construção dos processos identificatórios e as representações objetais em pré-adolescentes perpassadas pela experiência do abuso sexual. Com isso, procurou-se verificar como estes processos se desenrolam nesse momento específico do desenvolvimento, identificando-se as possíveis repercussões do abuso sexual e o quanto estas podem associar-se a um rumo diferenciado nas escolhas objetais. Em suma, este trabalho fundamenta-se no arcabouço teórico da psicanálise e suas possibilidades de articulação com o abuso sexual em um momento particular do desenvolvimento psíquico da menina: a pré-adolescência, focalizando o início da reedição edípica e como se encontram suas representações objetais no período da pesquisa. Para tal, através do estudo de dois casos de pré-adolescentes perpassadas pela experiência do abuso sexual, buscou-se verificar como uma menina vítima de violência sexual está identificada com seus primeiros objetos de referência e a respectiva influência dessa identificação na estrutura de personalidade atual do abuso sexual. Sendo assim, compreende-se esta vivência traumática como uma possível condição modificadora do processo de estruturação psíquica e, nesse sentido, busca-se compreender os aspectos identificatórios, estruturantes e as vivências afetivas destas pré-adolescentes.

Considerando estes aspectos, estudos como esse, voltados para o entendimento da temática do abuso sexual a partir do referencial teórico da psicanálise, vêm preencher lacunas na compreensão das suas conseqüências para o desenvolvimento psíquico de pré-adolescentes e adolescentes. Espera-se poder contribuir para a ampliação do conhecimento científico sobre este tópico, de forma a instrumentalizar os profissionais envolvidos com esse tipo de demanda junto aos jovens e instituições.

A seguir, apresenta-se uma breve explanação teórica sobre o conceito de abuso sexual, seguida de considerações sobre o processo de avaliação que envolve essa violência, trazendo na continuidade os objetivos, método do estudo e resultados encontrados.

Abuso sexual

O abuso sexual é uma temática delicada que perpassa diversas dimensões, desde situações específicas, envolvendo perpetradores e vítimas a questões familiares, sociais e culturais (Avery, Hutchinson, & Whitaker, 2002). Além disso, há conseqüências mais sérias, resultantes das experiências traumáticas de tal evento, que afetam diversos aspectos do desenvolvimento cognitivo e emocional de crianças e adolescentes vítimas dessa violência (Amazarray & Koller, 1998; Pfeiffer & Salvagni, 2005; Prado & Féres-Carneiro, 2005).

O levantamento de revisões bibliográficas sistemáticas sobre o tema realizado por pesquisadores da área, indica um crescente interesse das pesquisas na identificação de diferentes aspectos do problema, incluindo questões epidemiológicas, características, fatores associados e conseqüências do abuso sexual no desenvolvimento individual (Macdonald, Higgins, & Ramchandani, 2007). Verifica-se, entretanto, que, apesar da extensa contribuição de diferentes áreas, há uma escassez de estudos baseados na compreensão psicanalítica sobre o abuso sexual (Hachet, 2006, Mess, 2001). Neste sentido, embora existam estudos relativos às conseqüências psicológicas do abuso, poucos abordam de forma aprofundada a temática no que diz respeito às alterações traumáticas que o abuso pode gerar em um sujeito sob o vértice da compreensão psicanalítica. Isso pode resultar, em parte, de uma característica da própria psicanálise, que é oferecer um entendimento singular a cada sujeito.

Em função da complexidade de situações envolvendo episódios de abuso sexual, houve necessidade de operacionalizar uma definição de abuso que fosse clara e abrangente, em grande parte devido a questões legais que permeiam o tema. Fundamentalmente, o abuso sexual consiste no envolvimento da criança em atividades de manipulação dos órgãos genitais dessa ou do agressor, masturbação, ato sexual genital ou anal, estupro, sodomia, exibicionismo, pornografia, realizado por um adulto ou criança com mais idade do que a vítima. Em geral, os casos de abuso sexual ocorrem com maior freqüência em meninas e caracterizam-se por situações de incesto na família (Finkelhor, 1994).

As formas de abuso sexual são diversas e vão do atentado violento ao pudor à exploração sexual, abrangendo ainda o abuso intrafamiliar ou incesto. Entretanto, apesar dos diferentes aspectos envolvidos, há consenso na compreensão do abuso sexual como uma situação traumática, que necessariamente envolve uma questão de poder, ou seja, um indivíduo impondo seu desejo a outro de faixa etária inferior (Amazarray & Koller, 1998;

Araújo, 2002; Associação Brasileira de Proteção a Infância e Adolescência - ABRAPIA, 2007; Habigzang, Koller, Azevedo & Machado, 2005; Padilha & Gomide, 2004; Pfeiffer & Salvagni, 2005).

Portanto, para haver clareza na definição e abrangência do abuso sexual, é necessário ter em mente as várias modalidades de abuso e as diferentes formas e contextos. Existem várias formas de abuso sexual, dentre elas, o abuso sexual sem contato físico e com contato físico. O primeiro contempla abusos verbais (insultos, por exemplo), obscenidades, exibicionismo, voyeurismo, exposição da criança a filmes, imagens ou situações de pornografia. Quanto ao abuso sexual com contato físico, há os atos físico-genitais, além da pornografia e prostituição de crianças e adolescentes (ABRAPIA, 2007).

As conseqüências desses maus-tratos são devastadoras, ocasionando seqüelas físicas e psicológicas, afetando, também, o desenvolvimento cognitivo das vítimas (Benetti, 2002). Além disso, os efeitos do abuso e a respectiva severidade variam de acordo com alguns pontos, tais como, a idade da vítima, a duração do abuso, o grau de violência, a diferença de idade entre perpetrador e vítima, o relacionamento entre eles, a ausência ou não de figuras parentais protetoras e, finalmente, o grau do segredo e de ameaças que a vítima sofreu. Levando em consideração a complexidade do impacto que o abuso sexual pode ter em uma criança ou adolescente, faz-se necessário diferenciar as conseqüências de acordo com a idade da vítima (Furniss, 1993). Logo, em crianças de *zero a seis anos*, as manifestações mais comuns caracterizam-se pela presença de ansiedade, pesadelos, transtorno de estresse pós-traumático e comportamento sexual inapropriado. Para crianças de *sete a doze anos*, os sintomas mais comuns abarcam o medo, distúrbios neuróticos, agressão, pesadelos, problemas escolares, hiperatividade e comportamento regressivo; e, finalmente, em adolescentes *de treze a dezoito anos*, observa-se depressão, isolamento, comportamento suicida, auto-agressão, queixas somáticas, atos ilegais, fugas, abuso de substâncias e comportamento sexual inadequado (Amazarray & Koller, 1998).

A avaliação psicológica tanto da identificação dos casos como das conseqüências do abuso nos casos de vitimização é uma tarefa intrincada. Habigzang, Corte, Hatzenberger, Stroehrer e Koller (2008) afirmam que tais avaliações tornam-se um desafio para o profissional em função das diversas dimensões envolvidas no processo avaliativo. Sendo assim, aprofunda-se a questão da avaliação nas situações de violência sexual.

Algumas considerações sobre a avaliação de casos de abuso sexual

No que diz respeito ao processo de avaliação infantil, Lowenkron e Frankenthal (citado por Granã & Piva, 2001) afirmam que realizar uma avaliação diagnóstica é, antes de mais nada, uma atividade de recolher, ordenar e interpretar informações com a finalidade de se chegar a uma hipótese consistente sobre a natureza do problema e, a partir daí, formular uma proposta bem fundamentada, tanto clínica como teoricamente, para o encaminhamento do caso. Nessa cena, muitos são os atores envolvidos. Dentre eles, o próprio psicólogo com seu manancial de conteúdos inconscientes, seus desejos e sua própria infância. Além dele, há os próprios pais da criança, narradores de uma história que, muitas vezes, não consegue ser separada de suas próprias histórias.

Quando se toma mais especificamente a avaliação em situações de abuso sexual, faz-se necessário lançar mão de estratégias que dêem conta da complexidade das mesmas. Diante dessa realidade, a literatura tem apontado a dificuldade destas avaliações (Habigzang, Corte, Hatzenberger, Stroehrer & Koller, 2008; Fontes, Scheffer & Kapezinski, 2007) que envolvem aspectos psicológicos, familiares e jurídicos. O abuso sexual é um tipo de violência que impacta muitos aspectos da vida de um sujeito, tais como comportamento, cognição e corpo, levando-se em consideração ainda aqueles casos em que não há evidência de sofrimento aparente (Fontes, Scheffer & Kapzinski, 2007).

Estas questões configuram um quadro que pode ser classificado como, no mínimo, muito delicado de ser investigado, gerando a necessidade de se implementar procedimentos e serviços voltados ao atendimento específico das vítimas de abuso sexual. Dessa forma, os profissionais envolvidos na rede de apoio / atendimento devem evitar intervenções traumáticas sem incorrer, com isso, em uma postura negligente frente ao sujeito em questão (Ferreira & Schramm, 2000).

Ainda assim, o processo psicodiagnóstico constitui-se como um instrumento importante de avaliação, sendo um estudo aprofundado da personalidade, principalmente do ponto de vista clínico. Segundo Arzeno (2003), este procedimento serve de base ou ponto de partida para os casos em que os objetivos podem ser variados, como avaliações forensiais, diagnósticos, por exemplo. Ainda assim, Benetti (2002) destaca que os procedimentos em avaliações, ocorrendo em situações de atendimento clínico, são distintos das avaliações forensiais que se dedicam à identificação de evidências específicas para a clarificação dos

eventos e do reconhecimento do perpetrador, além de exigir uma postura diferenciada por parte do psicólogo (Rovinski, 2007).

Considerando-se a avaliação clínica, uma alternativa interessante são os instrumentos projetivos. Os testes projetivos, de acordo com Anzieu (1986), assemelham-se à situação da psicanálise, ou seja, o sujeito é convidado a falar livremente sobre o que desejar. A lógica do teste ocorre de acordo com a definição de *projeção*¹, processo primário que obedece ao princípio do prazer. Logo, um sujeito submetido a um teste projetivo gozaria de liberdade para responder o que o estímulo lhe sugerisse.

Entretanto, deve-se mencionar que há controvérsia em torno da validade da utilização de técnicas projetivas para identificação de casos de abuso e maus-tratos. Inicialmente, em uma meta análise realizada em 1998 a partir de investigações sobre a avaliação de vítimas de abuso sexual através do Rorschach, TAT, Desenho da Família, Figura Humana, HTP, dentre outros, West (citado por Garb, Wood, Nezworski, 2000) identificou que todos os estudos discriminaram características específicas das vítimas através dos testes projetivos. Contudo posteriormente, o trabalho de West foi criticado por não incluir os estudos que não identificaram estas diferenças.

Neste ponto, destacam-se novamente os objetivos do psicodiagnóstico, que se distinguem se considerarmos avaliações voltadas para o conhecimento e identificação do impacto traumático da exposição de crianças a violências em geral, dentre elas as situações de maus-tratos, das avaliações forensiais, por exemplo, que devem sustentar-se em critérios objetivos. Ainda assim, as técnicas projetivas são largamente utilizadas nos processos diagnósticos, voltadas, essencialmente, para a compreensão dos processos psicológicos associados ao trauma (Kamphuis, Tuin, Timmermans, Punamaki, 2008). Por exemplo, Piperno, Di Biasi e Levi (2007) identificaram nos Desenhos da Família de crianças vítimas de abuso físico e sexual que estes apresentavam sinais característicos de trauma, no caso, corpos sem detalhes e exclusão das figuras cuidadoras da cena representada.

Numa investigação em 1988, Zivney, Nash, e Hulsey tentaram identificar algumas características dos protocolos projetivos avaliados pelo teste Rorschach em meninas vítimas de abuso sexual antes dos 9 anos de idade, 43 meninas vítimas de abuso sexual após os 9 anos de idade e 72 pacientes sem história de abuso sexual. Segundo os autores, crianças vítimas de

¹ Segundo Laplanche e Pontalis (1998), projeção é definida, de maneira sintetizada, como processo pelo qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro desejos, sentimentos, qualidades, defeitos, caracterizando-se como um mecanismo de defesa primário do indivíduo.

abuso sexual na infância diferem-se das crianças vítimas de abuso sexual na latência ou pré-adolescência. As primeiras teriam maiores conflitos relativos à oralidade e definição do *self*, enquanto que as segundas manifestariam maior agressividade, hostilidade e medo. Neste sentido, na pesquisa realizada, identificaram que metade das meninas abusadas antes dos 9 anos de idade exibia padrões pré-edípicos de conflitos, centrando-se em dificuldades cognitivas, fronteiras do *self* e preocupações com gratificações orais e relacionais.

A partir deste estudo, os autores delinearão algumas considerações importantes na avaliação do impacto do abuso. Estas implicações são basicamente: (a) dano psicológico - levar em conta a idade de ocorrência do abuso, considerando que este aspecto é mais relevante do que a frequência, duração e força do evento; (b) avaliação qualitativa x quantitativa- compreender que como resultado, é mais importante a avaliação qualitativa do impacto do que a avaliação quantitativa da presença de sintomas, isto é, a presença de temas pré-edípicos seria mais grave do que a quantidade de sintomas; (c) contribuição da avaliação projetiva-saber que é importante a inclusão de avaliações projetivas para compreender o funcionamento psíquico; (d) controle da idade- por último, levar em conta a idade da criança na vitimização para poder controlar possíveis erros de avaliação.

Em adultos, segundo Van der Lolk e Ducey (1989), estudos com veteranos de guerra com sintomas de Transtorno de Estresse Pós Traumático, utilizando-se do teste Rorschach, identificaram maior número de respostas de sangue e anatomia. Para melhor avaliar esta característica, Armstrong e Loewenstein (1990) criaram o Índice de Conteúdo Traumático (ICT), que consiste na razão de todas as respostas de sangue, anatomia, sexo, conteúdos mórbidos, e movimento sobre o número total de respostas. Por exemplo, numa investigação comparativa dos protocolos de Rorschach de 22 casos com história de abuso sexual sem sintomas dissociativos, 13 casos com suspeita de abuso sexual e 43 casos sem história de abuso, Kamphuis, Kugeares e Finn (2000) confirmaram um maior índice de respostas de trauma no grupo vítima de abuso, utilizando o Índice de Conteúdo Traumático (ICT). No geral, os estudos identificam uma grande frequência de respostas de anatomia, raio-x, símbolos sexuais.

Outro aspecto refere-se a uma preocupação com a representação corporal, indicando danos à representação do *self*. Nesse sentido, apontam a pouca frequência de menção ao corpo humano diretamente em meninas abusadas sexualmente. Assim, os trabalhos não identificam uma maior frequência de respostas sexuais tanto em meninas como em mulheres adultas vítimas de abuso sexual, mas, ao contrário, observam que as respostas relacionam-se a

dificuldades com o estabelecimento de fronteiras corporais, indicativas de uma representação de *self* instável e altamente intrusiva (Billingsley, 1995).

A partir deste argumento, Arenella e Ornduff (2000), numa investigação com 57 pacientes com idades entre 8 e 17 anos, sendo 37 destes casos vítimas de abuso sexual, verificaram, através do teste Rorschach, que as diferenças entre os grupos localizaram-se igualmente na esfera da representação corporal. Os autores ainda destacam a importância da utilização de técnicas projetivas a fim de compreender a experiência subjetiva do trauma nas vítimas de abuso sexual.

Finalmente, outra contribuição importante na identificação de respostas do Rorschach em relação à vitimização por abuso sexual refere-se ao trabalho de Leavitt (2000) sobre a pouca frequência de respostas de textura nos protocolos de Rorschach de mulheres vítimas de abuso sexual. Da mesma forma, crianças com história de abuso sexual também manifestam poucas respostas de textura. Entretanto, o padrão de resposta de textura é relativo à idade do trauma, isto é, quanto mais cedo ocorre o trauma menor a capacidade de reconhecer textura nas pranchas. Esta característica liga-se à qualidade das experiências infantis, que, nas situações traumáticas, são revestidas de pouco contato afetivo e trocas emocionais.

Segundo estudos nacionais relativamente recentes (Mariuza, Azeredo & Netto, 2004) que utilizaram a técnica do Rorschach com crianças vítimas de violência sexual, foram constatados sinais de depressão, ansiedade, defesas dissociativas, sentimentos ambivalentes em relação à figura paterna e materna, além de retraimento a um universo solitário, o qual não possui clara distinção entre o real e o imaginário. Este estudo foi conduzido com quatro crianças abusadas pelo pai ou padrasto, sendo três delas meninas com idade entre oito e dez anos. A figura paterna investigada pela prancha IV foi vista como monstruosa, ameaçadora ou frágil e doente, sendo que todas as crianças a perceberam como alguém que não cumpriu com seu papel de proteção.

Outro trabalho foi o de Vagostello, Silva e Tardivo (2004), um estudo de caso com um menino de oito anos sexualmente abusado e negligenciado. O Rorschach demonstrou grande prejuízo na percepção do outro, além de dificuldade e empobrecimento das relações interpessoais, alto índice de isolamento, auto-imagem desvalorizada, conflitos de identidade e de relacionamento. Finalmente, tem-se a pesquisa de Gravenhorst (2002, citado por Jung, 2006) com uma amostra de 90 crianças e adolescentes vítimas de abuso, com idades que variavam dos quatro aos dezesseis anos, cujo objetivo era compreender como o trauma e o

dano psíquico expressariam-se no Rorschach. Os resultados obtidos pela pesquisadora indicaram que essas crianças e adolescentes apresentaram falha no reconhecimento e adaptação à realidade, intensa carga conflitiva, rigidez defensiva e dissociação.

Numa investigação relativamente recente, Fontes, Scheffer e Kapzinski (2007) realizaram um estudo utilizando o Rorschach, no qual buscaram investigar as características de personalidade da criança abusada sexualmente, incluindo a compreensão de como estavam internalizadas as figuras parentais e a verificação de que conteúdos eram mais frequentes nos protocolos. A amostra da pesquisa foi composta por nove crianças, cujas idades variavam entre quatro anos e seis meses e onze anos, todas com confirmação médica da violência. Os resultados apontaram para um alto índice de resposta com conteúdo animal, sendo que seis indivíduos não verbalizaram conteúdo humano, somente humano descaracterizado. A figura paterna foi vista, pela maioria (cinco), como agressiva, seguida da imagem sexualizada (três). Assim como a figura paterna, a materna também foi vista predominantemente como agressiva (quatro), seguida de negligente e desvalorizada.

Para os autores, várias podem ser as seqüelas do abuso sexual infantil, dentre elas encontra-se a possibilidade de uma organização *borderline* a longo prazo. Isso ocorre devido à constelação de sintomas que já se apresentam na infância desses sujeitos e que, mais tarde, na fase adulta, poderão se manifestar como uma organização *borderline*. Contudo, os autores ressaltam que a utilização do Rorschach nessa área de avaliação ainda é pequena, embora seja um instrumento importante no auxílio da compreensão dos pontos críticos sobre o abuso. Logo, conclui-se que as avaliações projetivas são ferramentas valiosas para se compreender o sofrimento interno desses sujeitos.

Embora os resultados dos estudos sejam expressivos ao demonstrarem a riqueza da utilização do Rorschach nas situações de violência, ainda é necessário o desenvolvimento de novas pesquisas utilizando técnicas projetivas em situações de abuso sexual. Esta forma de abordagem qualitativa das experiências subjetivas do sujeito vítima de abuso sexual contribui para um aprofundamento no entendimento das conseqüências psicológicas do abuso, oferecendo informação aos profissionais da clínica psicológica, assim como dados para embasar intervenções. Contudo, cabe salientar a notória escassez de estudos psicanalíticos com métodos projetivos, e em relação especificamente ao HTP não se localizou nenhum estudo nacional específico sobre a temática, corroborando a relevância do presente estudo.

Objetivo

O objetivo principal deste estudo dirigiu-se para a compreensão e interpretação, a partir do referencial psicanalítico, das características e dinâmica das representações objetais em meninas encaminhadas para avaliação por motivo de suspeita de abuso sexual. Neste sentido, procurou-se aprofundar o conhecimento sobre o impacto das vivências traumáticas nos processos psíquicos e desenvolvimentais através da compreensão das características da organização da personalidade, identificações e relação estabelecida com os objetos.

Método

Este estudo é de cunho qualitativo, utilizando-se do método de pesquisa em psicanálise. Segundo Pinto (2004), a teoria e o método constituem os dois pilares a partir dos quais a pesquisa científica estrutura-se e, com isso, possibilitam a investigação do conjunto de problemas elencados para um estudo. Para a autora, o método qualitativo na pesquisa em psicologia, o qual se caracteriza por ser um procedimento essencialmente construtivo-interpretativo, “considera a ciência como uma construção da subjetividade humana, em uma forma particular e dentro de um determinado sistema teórico” (Pinto, 2004, p.74). Logo, a pesquisa qualitativa, em se tratando da área da Psicologia Clínica, realiza uma ciência de viabilidade, visto que, embora se aponte o fato de que não há neutralidade total possível, o que se pretende não é uma verificação direta dos resultados e conclusões, mas sim, o apontamento de sentidos possíveis da realidade, do fenômeno ou do processo estudado.

Este estudo, portanto, organiza-se a partir do vértice qualitativo, tendo sido desenvolvido através da metodologia de Estudo de Casos Múltiplos. Segundo Gil (2006), os propósitos do estudo de caso podem ser variados. Dentre eles, cita-se: explorar situações da vida real; preservar o caráter singular do objeto estudado; descrever a situação do contexto em que está sendo feita a pesquisa; formular e desenvolver hipóteses e teorias; e poder explicar variáveis que não podem ser contempladas em estudos experimentais ou de levantamento. Contudo, ressalta o autor que, embora o estudo de caso forneça uma grande flexibilidade na metodologia, ele não deve ser tomado como a possibilidade de ser aplicado a qualquer estudo,

visto ser um procedimento difícil, complexo, que exige aprofundamento do pesquisador. De acordo com Yin (2005), a estratégia do estudo de caso ainda é uma das mais desafiadoras, além de apresentar, pela sua própria definição, o fato a ser estudado de forma contextualizada e contemporânea.

Yin (2005) considera que o Estudo de Casos Múltiplos pode exprimir conclusões diferenciadas entre eles. Contudo, o estudo se torna ainda mais contundente no caso de os contextos dos casos serem diferentes e, mesmo assim, ocorrerem conclusões comuns a ambos, tendo-se de maneira incomensurável a possibilidade de generalização da descoberta.

Eizirik (2006), em relação a psicanálise, pontua duas possibilidades básicas de pesquisa dentro desse referencial teórico, que seriam a pesquisa propriamente dita, a qual ocorre dentro das sessões, e a pesquisa em psicanálise, que se utiliza dos conceitos e métodos de investigação que esse referencial tem como arsenal característico. Dessa forma, a pesquisa em psicanálise comporta três tipos básicos: teórica, empírica e clínica. É a última o lugar mais familiar à Psicanálise, contudo, esse vasto campo e, conseqüentemente, sua riqueza de material carecem de formas metodologicamente compartilhadas, ou seja, escrita e publicações (Herrmann, 2004).

Procedimentos

A presente investigação foi realizada em um serviço dirigido para o atendimento de vítimas de violência. O Acolher, hoje um CREAS, é um serviço oferecido pela Prefeitura Municipal de Santa Maria para o atendimento de vítimas de qualquer tipo de violência, confirmada ou por suspeita. Uma das características desse atendimento é realizar, logo que a vítima chega ao serviço, um momento de acolhimento feito pelas assistentes sociais. Após esse primeiro momento, ocorre o processo de avaliação para confirmar, ou não, se houve a violência e, em caso positivo, analisar que tipo de violência ocorreu (psicológica, sexual ou física). Quando há dados médicos, eles se somam à avaliação psicológica realizada pelos profissionais do local, os quais se utilizam de entrevistas, Hora de Jogo e Desenho da Figura Humana e da Família.

Logo, o trabalho investigativo nesta pesquisa ocorreu após o acolhimento inicial, buscando-se, com isso, não alterar a rotina e os procedimentos padrões próprios do serviço,

além de qualificar o processo de avaliação pela inserção do teste Rorschach. Entretanto, é importante salientar que a presença da pesquisadora no local se fez desde o início (janeiro de 2008 até meados de 2009), ou seja, anterior à coleta de dados referentes aos casos apresentados neste trabalho.

Já no primeiro semestre de 2008, foi realizado um contato inicial com o serviço Acolher, com a finalidade de obter-se consentimento da instituição para a realização da pesquisa, além de buscar uma ambientação com o modelo de trabalho. Nessa ocasião, também foi entregue o projeto de pesquisa para fins de esclarecimento da proposta. Ainda houve participação em algumas das reuniões semanais da equipe para discussão de casos e integração. Além disso, visando a melhor integração ao serviço e à seleção dos casos para a pesquisa, foram realizadas algumas avaliações iniciais que fizeram parte do trabalho da Disciplina de Prática Clínica².

Ainda durante a Prática Clínica, algumas outras avaliações foram realizadas. No primeiro caso, não houve evidências físicas ou psicológicas que indicassem a situação de abuso sexual, concluindo-se que se tratava de uma questão de guarda bem pontual entre a mãe da menina, a avó da última e o companheiro da avó. Não houve indícios no teste do Rorschach, HTP ou Hora de Jogo Diagnóstica que sustentassem a suspeita de abuso levantada pela mãe, sendo que esta, na Entrevista de Devolução, já não apresentava sua fala recoberta de certezas como na primeira entrevista. Entretanto, a avaliação serviu como um estudo piloto, permitindo a discussão de questões importantes acerca do caso.

Outras situações de avaliação ocorreram, contudo não foram concluídas por diversas razões, tais como, por exemplo, um caso que foi transferido para outra cidade. Outro caso foi o de uma menina que se encontrava inserida em uma situação de violência física e psicológica, entretanto ainda que houvesse indicação de tratamento, o caso não preenchia os requisitos para ser incorporado ao trabalho. Ainda houve casos de prostituição infantil, meninas que, embora encaminhadas, fugiram de suas casas e não foram mais localizadas.

O processo de coleta de dados se desenvolveu dentro dos parâmetros da Avaliação Psicológica, utilizando-se os seguintes instrumentos projetivos: método de Rorschach, HTP (Casa – Árvore – Pessoa: técnica projetiva de desenho), Hora de Jogo Diagnóstica e Entrevistas Clínicas com a figura não abusiva e pré-adolescentes. Assim, a coleta dos dados

² Disciplina obrigatória da grade curricular do Programa de Pós-Graduação da UNISINOS, cujo objetivo é desenvolver uma prática psicológica associada à questão teórica do Programa de Pós-Graduação.

com as meninas inseridas na pesquisa foi realizada através de anamnese com a figura parental não abusiva, nos casos as mães, de Hora de Jogo Diagnóstica, do HTP (Casa, Árvore e pessoa – técnica projetiva de desenho de Buck, 2003) e do Rorschach (avaliação da personalidade e de aspectos psicodinâmicos), respectivamente. As sessões foram delimitadas em no máximo dez (10) encontros presenciais com duração de 45 minutos nas Horas de Jogo Diagnósticas para fins de caracterizar o enquadre de avaliação psicológica (Arzeno, 1995). O primeiro instrumento utilizado foi o HTP e em outra sessão aplicou-se o Rorschach.

Quanto aos procedimentos éticos, todos os procedimentos de entrevista com finalidade de pesquisa com as famílias estudadas estavam de acordo com as resoluções 196 do Conselho Nacional de Saúde e a 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Levando-se em consideração que as participantes da pesquisas são menores de idade, o responsável por elas assinou o Termo Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I) para que, assim, estivessem cientes dos objetivos do estudo e da importância de sua colaboração, bem como das demais questões referentes à ética e à confiabilidade. As adolescentes também foram consultadas quanto ao interesse em participar do trabalho. A partir da coleta de dados (avaliação), os sujeitos foram encaminhados para atendimento psicoterápico dentro do próprio serviço ou em serviços apropriados.

Participantes

Dois casos foram avaliados no presente estudo. Os critérios de escolha das participantes foram: sexo feminino, sem grau de escolaridade específico, idade entre 10 e 13 anos, que estivessem aguardando ou que haviam sido imediatamente encaminhadas para os serviços de atendimento voltados às vítimas de violência (Acolher), com histórico ou suspeita de abuso sexual intrafamiliar e que consentissem em participar do projeto. Os critérios de exclusão da pesquisa foram os seguintes: apresentar déficit cognitivo severo, ter sofrido abuso extrafamiliar e idade maior de 18 anos ou menor de 10. A opção pelo número de casos não foi aleatória, buscava-se entre dois a três casos, contudo dentro dos limites de tempo e especificação da pesquisa, conseguiram-se somente dois.

O primeiro caso (Caso 1) refere-se à Estela³ (dez anos), filha mais nova de um casal que se encontrava em permanente conflito. Ela foi abusada pelo pai e, no início da avaliação, apresentava sintomas de ansiedade generalizada, enurese e dores abdominais severas. O segundo (Caso 2) é o caso Lauren (12 anos), filha de uma mulher que sofreu abuso sexual do próprio pai e que questiona hoje se a menina é filha do avô. Por sua vez, o abuso sofrido por Lauren foi cometido por este avô, com quem morou até seus 12 anos de idade.

Instrumentos

Hora de Jogo Diagnóstica - De acordo com Efron *et al* (citado por Ocampo *et al*, 2001), a Hora de Jogo Diagnóstica auxilia o profissional no conhecimento da realidade da criança. Para os autores, assim como o adulto dispõe da linguagem verbal, a criança utiliza-se da linguagem lúdica como uma expressão característica. No espaço da Hora de Jogo, há “a possibilidade de brincar em um contexto particular, com um enquadramento dado que inclui espaço, tempo, explicitação de papéis e finalidade, cria-se um campo que será estruturado, basicamente, em função das variáveis internas de sua personalidade” (2001, p.207).

Para que se realize uma Hora de Jogo Diagnóstica adequada e na qual se possa analisar o que se propõe, é importante ter uma sala apropriada para tal, com jogos e materiais que se prestem à atividade. Além disso, torna-se fundamental uma clara definição de papéis, um limite de tempo e espaço combinados e uma determinação dos objetivos a serem alcançados com o processo. O papel da criança nesse momento é ativo diante das combinações no desenrolar das sessões. Já o papel do psicólogo caracteriza-se por ser mais passivo frente à avaliação, isto é, a postura do profissional deve ser de observador, evitando interferir na dinâmica do paciente. Contudo deve ser em parte ativa, no sentido de se manter aberto para compreender a problemática do paciente (Efron *et al*, 2001).

Existem indicadores que devem ser levados em conta no momento de analisar uma Hora de Jogo Diagnóstica, são eles: escolha de brinquedos e de brincadeiras, modalidades de brincadeiras, personificação, motricidade, criatividade, capacidade simbólica, tolerância à frustração e adequação à realidade. Para cada um desses indicadores, deve-se analisar pontualmente o que eles traduzem daquela criança. (Efron *et al*, 2001).

³ Todos os nomes apresentados nesse e no próximo caso são fictícios.

Teste de Rorschach - O teste do Rorschach, segundo Mendoza, Valdez, Pal e Rodriguez (1999), é uma técnica projetiva, a qual consiste de dez pranchas, sendo que cada uma possui uma mancha impressa de tinta simétrica. O procedimento de aplicação é realizado através da apresentação de cada prancha ao indivíduo para, em seguida, solicitar-lhe que diga tudo o que enxerga nelas (Anzieu, 1986). Para Anzieu (1986), os testes projetivos, como o Rorschach, levariam o sujeito a produzir um protocolo de respostas de tal forma que a estrutura deste corresponderia à estrutura da personalidade desse sujeito. Em uma perspectiva psicanalítica, esse instrumento provoca no sujeito uma “regressão profunda e mobiliza os mecanismos de defesa destinados a lutar contra a angústia mais primitiva” (p.62). Além disso, ainda segundo o mesmo autor, esse procedimento vai evocar de maneira inconsciente a imagem do corpo do sujeito e as respostas dadas serão oriundas de uma série de referências integradas pelos diversos estágios de tal imagem.

Dessa maneira, têm-se as seguintes pranchas, com seus respectivos significados simbólicos, explorados por diversos autores, tais como os utilizados no presente trabalho (Anzieu, 1986; Chabert, 1993 e Traubenberg, 1998):

1. **Prancha I:** por ser a primeira, faz o sujeito reviver a experiência de um primeiro contato com uma situação nova, com um objeto desconhecido, e indica os recursos e as maneiras com que o indivíduo adapta-se à nova situação. O valor simbólico dessa prancha está relacionada com a imago maternal poderosa, pois evoca as relações com os primeiros objetos, os primeiros contatos mãe-filho em seus aspectos positivos ou negativos. Em mulheres, esta prancha é capaz de fornecer informações acerca da sua aceitação ou não do papel feminino.
2. **Prancha II:** representa, de maneira geral, ameaça e perigo, mobilizando experiências de perda e dificuldade em relação aos primeiros anos de vida. Revela, também, se as experiências de uma pessoa na infância foram dirigidas pelo trágico ou pelo lúdico; a personalidade traumática desvela-se nesta prancha. Os detalhes em vermelho podem evocar nas meninas a projeção de preocupações relativas à sua sexualidade; já em meninos, a angústia de castração. Segundo Anzieu (1986), nessa prancha, o indivíduo revive alguns dos principais conflitos de sua infância. O valor simbólico dessa prancha está calcado na questão da castração e na capacidade de integrar a agressividade de modo socializado.

3. **Prancha III:** é a prancha das relações interpessoais e indica como está estruturada a identidade do indivíduo, como este se representa em face de seu semelhante e como o outro é reconhecido como pessoa humana. Dificuldades nessa prancha indicam problemas de relacionamento humano ou de integração com o outro. A significação simbólica dessa prancha reflete a necessidade de representação de si face ao outro ou a descoberta do outro e o tipo de relação buscada.
4. **Prancha IV:** relaciona-se com a figura paterna e com figuras que desempenham papel de autoridade, ou seja, a significação simbólica está ligada à expressão de poder e força. Inclusive, é devido ao seu impacto de poder e força que esta prancha possui qualidades masculinas. Relaciona-se com o simbolismo fálico. Ela pode representar tanto a figura paterna como a figura masculina, ou figuras em posição de autoridade. As respostas a esta prancha decorrerão do tipo de relação estabelecida com esta imagem que tem força de lei e poder. Indivíduos que apresentam dificuldades nessa prancha sugerem dificuldade de aceitação no que diz respeito à autoridade. Revelam-se sentimentos de angústia, medo, ansiedade e bloqueio afetivo.
5. **Prancha V:** expressa o próprio ego do indivíduo, pois relaciona-se com a representação de si: sua imagem corporal, seu auto-conceito, sua identidade. Avalia a integridade psíquica do indivíduo ou a presença de indícios de desintegração e dissociação psíquica. A prancha também é representativa da adaptação do indivíduo à realidade, em outras palavras, é a prancha que abarca o nível de contato com a realidade. Prancha altamente significativa em termos de diagnóstico reservado.
6. **Prancha VI:** refere-se à sexualidade e ao simbolismo sexual, pois possui detalhes que sugerem o falo e a genitália feminina; a recusa desta prancha ou a supressão destes detalhes evoca dificuldades nesta área. Além de referir-se à sexualidade, a prancha demonstra como esta é experienciada e integrada à personalidade e à identidade do indivíduo, como este a administra perante o outro. Convida o indivíduo a definir-se diante da própria genitalidade e sexualidade.
7. **Prancha VII:** prancha que tem como referência de significado simbólico o feminino. Representa a relação materna na estruturação básica da personalidade e os primeiros contatos mãe-bebê, por isso desperta associações relativas às modalidades de relação com a figura materna. Evoca a capacidade de estar junto, intimamente, em uma relação interpessoal. Dificuldades nesta prancha podem estar relacionadas com

problemas de convivência com figuras do sexo feminino ou com a figura materna, despertando, em relação a esta, sentimentos de abandono, insegurança, carência e vazio.

8. **Prancha VIII:** pode representar o mundo externo e despertar reações afetivas de natureza psicossocial, potencialidades de sociabilidade e de convivência com os outros no nível dos sentimentos. Representa, em termos de significado simbólico, os contatos afetivos com o meio exterior, as trocas e a comunicação social.
9. **Prancha IX:** essa prancha evoca, em termos de significado simbólico, lembranças maternas pré-genital. Estimula a afetividade íntima, primária e profunda, e a intimidade ligada à mãe. Nesta prancha, projetam-se tanto questões sobre a figura materna quanto de demais sujeitos em relação ao próprio indivíduo. Mobiliza conflitos, tensões e angústias existenciais que o indivíduo não está conseguindo elaborar. Pode representar o próprio examinando e seus problemas existenciais atuais.
10. **Prancha X:** prancha que busca congrega os estímulos dos demais cartões. Revela a capacidade do indivíduo de enfrentar a realidade do mundo, múltipla e variada, mantendo a unidade e a integridade do eu. Mede também a capacidade produtiva do indivíduo. Pode despertar angústia diante da possibilidade de aniquilamento e fragmentação psíquica, além de remeter a relacionamentos interpessoais.

Das dez pranchas que compõem o teste, três delas parecem ser vitais na avaliação de vítimas de abuso sexual, em virtude do simbolismo que evocam: II (traumas), a IV (figura masculina, paterna) e a VI (sexualidade), o que não exclui, de maneira alguma, a fundamental importância do estudo global do teste, que fornecerá outros elementos vitais para a compreensão do caso e do funcionamento psíquico da adolescente.

Segundo a escola francesa de análise de Rorschach, as possíveis respostas dentro do seu sistema de classificação podem ser relativas à localização, globais (*G*), de detalhe (*D*), de pequeno detalhe (*Dd*) e no espaço em branco (*Dbl*), com combinações entre estes três tipos básicos de localização da resposta na mancha. O determinante que produziu a resposta pode ter sido unicamente a forma da mancha (*F*), ou pode ter sido a impressão de movimento que esta suscitou, que se subdivide em movimento humano (*K*), humano parcial (*kp*), movimento animal (*kan*) e movimento de objeto (*kob*). A resposta pode também ter sido determinada pela cor cromática da mancha (*C*), ou mesmo pela cor negra dos estímulos (*Clob*) ou pelo seu esfumado, isto é, pelas nuances da cor negra (*E*). No que diz respeito ao conteúdo expresso

pelo sujeito, é o que possui mais subcategorias, visto a ampla possibilidade do que ele pode ver nas manchas. Entretanto, os conteúdos mais frequentemente vistos são: humano (*H*), animal (*A*), natureza (*Nat*), plantas (*Pl*), objetos (*Obj*), respostas sexuais (*Sex*), respostas anatômicas (*Anat*), nuvens (*Nuv*), sangue (*Sg*), fogo (*Fg*), respostas geográficas (*Geog*) e arquitetura (*Arq*).

Para a compreensão e a interpretação desse teste nesse estudo, foram usados os seguintes autores como referência: Anzieu (1986) e Traubenberg (1998). As fórmulas utilizadas foram:

Tipo de Ressonância Íntima ($K : \sum Cp$), forma como o sujeito se coloca nas relações,

Fórmula das Tendências Latentes ($\sum k : \sum Ep$), indicador de movimentação interna, no sentido de elaboração de angústias e questões;

Terceira Fórmula ($R: VIII + IX + X / R \times 100$), indica como o sujeito se porta subjetivamente durante a avaliação;

Determinante de Forma: $F\% (F+ + F- + F+- / R \times 100)$, refere-se ao determinante de forma vista na figura pelo examinando;

Forma Positiva: $F+\% (F+ + F+-/2 / \sum F \times 100)$, refere-se ao determinante de forma positiva, indicada como resposta nos atlas de localização;

Conteúdo Animal: $A\% (A + Ad + (A) + (Ad) / R \times 100)$, refere-se ao conteúdo animal expresso no protocolo;

Conteúdo Humano: $H\% (H + Hd + (H) + (HD) / R \times 100)$, refere-se ao conteúdo humano expresso no protocolo;

Respostas Banais: $Ban \% (\sum Ban / R \times 100)$, fazem referência às respostas de cunho banal, indicadas pelos atlas de localização, e,

Fórmula da Angústia ($HD + Anat + Sex + Sg + Frag / R \times 100$), refere-se ao nível de angústia experimentada pelo indivíduo.

HTP – Casa, Árvore e Pessoa Técnica Projetiva de Desenho: O HTP também caracteriza-se por ser uma avaliação de cunho projetivo, contudo gráfica, a qual comporta duas fases, uma não-verbal e não estruturada, e outra fase na qual ocorre o inquérito estruturado. Esse teste, segundo Buck (2003), tem como objetivo entender como é

experienciada a individualidade do sujeito, assim como suas relações com os outros e com o meio, ou seja, aborda a questão do funcionamento da personalidade. Além disso, estimula a projeção das áreas de conflito do sujeito, permitindo que haja identificação, e com isso, a avaliação seja utilizada como um meio de comunicar o sofrimento. O teste é composto por três desenhos básicos: uma casa, uma árvore e uma pessoa. Nessa avaliação, leva-se em conta a posição do desenho, o quadrante, o traçado, os detalhes essenciais e não essenciais, presença de detalhes bizarros, dentre outros pontos.

Entrevista – A entrevista de anamnese seguiu a orientação dada por Aberastury (1992) em seu livro “Psicanálise da Criança: teoria e prática”. Nesse, a autora faz referência ao *setting*, ao contrato e também aos pontos que devem ser levantados pelo psicólogo na entrevista com os pais. Esses itens incluem desde a gestação da criança à descrição da sua rotina, incluindo a amamentação, controle dos esfíncteres, doenças, sexualidade, escolarização, dentre outros. É importante salientar que todos esses pontos possuem relevância para o entendimento da dinâmica familiar e da própria criança ou pré-adolescente.

As Entrevistas Clínicas se caracterizaram por serem semi-dirigidas (Ocampo,2001), propiciando liberdade ao paciente, ao mesmo tempo em que o psicólogo assinala vetores para a continuidade da fala, pontos obscuros das informações trazidas, dentre outros. Segundo Bleger (1998) a entrevista é um método muito difundido e uma importante clínica na investigação científica, caracterizando-se por buscar objetivos psicológicos como a investigação, diagnóstico ou terapia.

Resultados

Caso 1

ESTELA, 10 anos

Histórico Pessoal

Estela chegou ao Acolher através de denúncia feita pela mãe – Vânia –, a qual consistia na suspeita de o pai da menina ter abusado sexualmente da filha durante o período em que ela trabalhava. Atualmente ambas moram com a avó materna.

A menina é a filha mais nova de um casamento ocorrido na adolescência de sua mãe (aos 16 anos). Vânia considera que, apesar de ter tido uma boa infância, na adolescência, mais precisamente na idade em que Estela agora se encontra, teve problemas de relacionamento com sua própria mãe, avó da menina. Por ter muita dificuldade em lidar com ela, Vânia, aos 11 anos foi internada em um colégio interno, hoje extinto. Vânia conta que teve sua primeira relação sexual aos 12 anos e que, em seguida, conheceu o futuro marido, com quem veio a se casar e ter Estela. Estela tem uma irmã mais velha de 16 anos que também mora junto com elas. Segundo Vânia, o casamento já estava muito desgastado em virtude de separações ocasionais e discussões, contudo, em março de 2008 efetivamente ocorreu a separação do casal.

Estela se caracterizava por ser extremamente vaidosa, com fala prolixa, aparentemente extrovertida e colaborativa, embora muito disso se devesse a um alto grau de ansiedade e resistência interna (demonstrado através do teste de Rorschach). Estela parou de frequentar a escola quando seus sintomas (enurese, dores abdominais, ansiedade generalizada) se manifestavam de forma intensa. Esses estavam muito agravados na época. Segundo o relato da mãe, a situação chegou ao ponto da menina não conseguir mais sair de casa, devido a manifestações ansiosas como fortes dores abdominais acompanhadas por diarreia. Assim, a menina acabou ficando teoricamente na segunda série do ensino fundamental. Em razão disso,

sua leitura era precária, sua escrita acompanhada por diversos erros de português, além de apresentar dificuldade em cálculos simples de matemática. Todos esses aspectos puderam ser observados durante a Hora de Jogo Diagnóstica e também nos jogos ou brincadeiras realizadas.

Ainda de acordo com a mãe, Estela, além de muito apegada ao pai, tinha um temperamento muito parecido com o dele. Até o momento da separação, e meses depois dela, Estela apresentava sintomas como enurese, ansiedade generalizada e dores abdominais muito fortes. A enurese, segundo a mãe, iniciara quando Estela tinha seis anos de idade e, em dezembro de 2007, intensificou-se. Nesse mesmo ano, os pais da menina haviam se separado, fato que causou grande agitação e revolta em Estela, fazendo com que a mãe entendesse que seria melhor reatar a relação com Vilson. Ainda no fim de 2007, com os sintomas intensos de Estela, Vânia consultou uma psicóloga para a qual relatou os sintomas que a filha vinha apresentando. A profissional orientou-a a procurar ajuda, visto que, segundo seu entendimento, a menina podia estar sendo abusada sexualmente. Entretanto, Estela nunca foi atendida por essa profissional.

A partir da orientação recebida, Vânia conta que começou a questionar a menina para que esta contasse sobre o que havia acontecido. Estela primeiramente relatou à avó e à irmã, em uma noite em que as três encontravam-se juntas no quarto, que havia sido abusada pelo pai. Após este fato, Vânia registrou a denúncia na Delegacia de crianças e adolescentes.

Segundo relato de Vânia durante a entrevista de anamnese, um fato semelhante havia ocorrido na família envolvendo o sobrinho e o ex-marido - o pai de Estela, mas o caso não chegou a ser registrado formalmente. Na época, a irmã de Vânia agrediu Vilson e a situação não foi levada adiante. O Termo de Livre e Esclarecido foi assinado tranquilamente.

Relatos das Sessões – Hora de Jogo Diagnóstica

Primeira Sessão: 16 de setembro de 2008.

Estela chegou juntamente com sua tia, sua avó, sua mãe e sua irmã mais velha, uma verdadeira comitiva. Diferentemente do que a mãe havia comentado na entrevista de anamnese referente ao comportamento inicial da menina, esta se dirigiu à sala sem apresentar nenhuma resistência, mediante um convite simpático de conhecer a sala e o esclarecimento de que o

tempo nessa primeira sessão seria determinado por ela. Estela no caminho até a sala, apresentava-se muito falante e simpática, e em nenhum momento aparentou ser uma menina acuada, como fora descrita. Ao contrário, a sensação da profissional foi de uma postura sedutora, sexualizada e intrusiva.

Nessa primeira sessão, trouxe consigo um álbum de fotos suas quando pequena. Sentamo-nos e dediquei-me a olhá-las. Estela comentava as fotos e os personagens destas, falando o tempo todo, sobre todo tipo de coisas, desde que era seu aniversário ontem, da festinha que fez, do amiguinho que não foi, das situações das fotos, além de comentar sobre sua tia que as acompanhava e que segundo ela, tem síndrome do pânico, “igual a mim” (*sic*). Quando questionada sobre esse diagnóstico, comenta ter utilizado medicação, mas hoje não usava mais. Devido a sintomas descritos como sentimento de medo, de que vai ser assaltada e de uma forte diarreia, parou de frequentar a escola.

Assim que terminou de mostrar todas as fotos que trouxe consigo, foi explicado para Estela o trabalho que seria realizado, elucidando-a sobre o caráter de avaliação deste, o período do trabalho e o que faz um psicólogo. Estela fez muitas perguntas pessoais e em relação ao trabalho, tais como quem atendo, quando, que tipo, etc. Quando questionada se sabia a razão de estar no serviço Acolher, ela rapidamente assente com a cabeça, para logo começar a negar. Embora ficasse claro que ela imaginava ou entendia a razão de estar ali, ria e comentava da vergonha de falar a respeito do motivo, para logo em seguida começar a falar sobre o abuso sexual.

ESTELA: Sabe... Tu já atendeu pessoas que sofreram abuso sexual do pai?

PSICÓLOGA: Foi isso que aconteceu com você?

ESTELA: Sim... Mas não gosto de falar disso, fico triste...

PSICÓLOGA: Ok, nós não precisamos falar disso agora, só queria saber se você sabia a razão de estar vindo aqui...

Explicou-se, então, o serviço e o momento de avaliação que se seguiria de uma psicoterapia (possivelmente). Ela questionou o que era psicoterapia. Após ter sido explicado o que seria uma psicoterapia, Estela voltou a perguntar se será com um homem ou com uma mulher. Questionada sobre sua preferência, “mulher” (*sic*) responde ela.

Estela comentou que gostava muito de desenhar, que sabia ler e escrever, embora não freqüente mais a escola. É proposto para ela o Jogo do Rabisco de Winnicott (1984), com o propósito de amenizar as ansiedades e buscar estabelecer outra via de comunicação. A menina aceita prontamente e começa a desenhar, falando concomitantemente.

Estela possuía uma fala abundante e retomava espontaneamente a temática do abuso. Falava sobre seu pai, de como se sentia mal com o que aconteceu, do sentimento de culpa - o qual sua tia dizia para ela não sentir, visto que não era culpada pelo que aconteceu. Ao mesmo tempo em que falava sobre o abuso, questionava intensamente a vida pessoal da profissional - questões como: se tinha irmão, se já havia passado por algo assim na vida, se precisei fazer terapia quando pequena, etc. - de forma intensa e voraz. Esta atitude, contrasferencialmente produzia um sentimento de invasão, apesar de que se trata também de um interesse em conhecer com quem está falando, descobrir o quanto é confiável e seguro o ambiente, além de buscar identificar-se com os demais. Pontuada sobre essa questão da identificação, Estela respondeu que se trata exatamente disso, que se sentia diferente de todo mundo.

Ao comentar-se sobre o fato de isso já ter ocorrido na família dela, também lhe foi explicado que no serviço em que se encontra, muitas pessoas também passaram por isso. Estela comentou que sua tia já fora abusada - mas não fica claro por quem - e que seu primo também. No caso dele, abusado pelo próprio pai dela. Seguiu falando, então, do momento em que a tia agride fisicamente seu pai (de Estela) e apóia a sua atitude. Quando questionada se havia desejo de fazer a mesma coisa, respondeu que sim “na cara” (*sic*).

A menina regulava o tempo durante a sessão, o que parecia correto no sentido de que foi isso o combinado, entretanto a dúvida era de saber quanto tempo restava para “aproveitar” o tempo que lhe sobrava. Continuou toda a sessão com fala prolixa e com contínuas perguntas em relação à profissional. Durante o jogo, em um dos desenhos - o da cobra - comentou que ela conversava com o bebê de sua tia gestante, que este respondia somente a ela. Ela disse para ele: “fala com a mau-caráter de olhos juntos” (*sic*). A “mau-caráter” era ela, um apelido, segundo comentou. Sua tia disse que esse apelido já era da irmã mais velha, portanto não podia ser dela. Ainda desenhando a cobra, comentou que ela enxergava um velho de barba branca perto da casa dela - claro que isso foi antecedido de uma pergunta: “Você tem medo de velhos barbudos?” (*sic*) - o qual a atormenta. Por vezes, tentava mostrar o velho para sua mãe, mas esta não o enxergava. Segundo Estela, no dia anterior ao da sessão, seus dois primos o viram na frente da casa dela. Relatou a cena com muito pesar, pois era seu aniversário.

Estela comentou durante o jogo que sua mãe vivia falando para ela se controlar, porque senão vai enlouquecer os filhos que virá a ter, se continuasse dessa maneira. Desenha um rostinho, que ela finaliza dando um formato de rosto de cachorro, uma menina, uma onda, uma cobra e um sol. Foi no momento do sol que surgiu o assunto do abuso já citado anteriormente (situação do primo, etc.). Aparentando já estar cansada do jogo, propôs que brincássemos de outra coisa, jogamos então o Jogo da Memória, ao que ela dizia ser muito boa nisso e de fato ganhou a partida, mas não deu continuidade e busca outro, um quebra-cabeça (bem infantil e fácil), afirmando ser muito boa nisso também, terminada essas atividades, solicitou voltar a desenhar.

Voltando ao desenho, questionava se a profissional sabia desenhar uma família, sendo devolvido para Estela que ela poderia estar desenhando e a profissional a observaria para ver como ela faz, assim a menina prontamente começou o seu desenho. Começou pela avó, desenhando ela com uma roupa roxa. Contou que sua mãe falava que Estela amava mais sua avó do que a própria mãe, dizendo em seguida que isso não era verdade, “amo as duas igual” (*sic*). A mãe havia comentado exatamente isso na anamnese, segundo Vânia sua filha amava mais a avó.

ESTELA: Ela diz que minha vó me cuidaria melhor que ela...

Avisada que o tempo se esgotou, finalizou a avó, pintando de maneira intensa e tecendo críticas negativas a sua forma de pintar. Quando estava saindo, prometeu que, no próximo encontro, iria brincar com a casinha terapêutica. No caminho para sala de espera, comentou sobre as botas que a profissional usa, dizendo ter gostado muito e que iria comprar uma igual.

Segunda Sessão: 25 de setembro de 2008.

Não compareceu. A profissional entrou em contato com a mãe que alegou ter compromisso de trabalho e não conseguiu, dessa forma, levar Estela ao atendimento. Esse comportamento tenderá a se repetir durante todo o processo de avaliação, dificultando a continuidade do processo.

Terceira Sessão: 01 de outubro de 2008.

Estela compareceu em companhia da avó, chegando levemente atrasada. Nada que compromettesse a sessão, contudo atrasada. Estava particularmente bem arrumada, com shorts, blusinha, pulseiras, anéis, fazendo lembrar uma adolescente vaidosa. Conversei com a avó antes de entrarmos para saber a possibilidade de marcarmos uma segunda sessão para aquela mesma semana com intenção de dar andamento à avaliação. A avó concordou e comentou que Vânia poderia trazer a menina, visto que não trabalhava pela manhã, Estela pareceu também concordar de bom grado.

Antes de subirmos, Estela convidou a avó para ir junto, e pergunta se ela poderia, foi respondido que pode se ela não conseguisse ir sozinha, caso contrário seria bom a avó aguardar ali onde estava. Estela não demonstrou nenhum comportamento de contrariedade a isso e subiu tranqüilamente para a sala.

Já na sala, sentada, a conversa tinha um tom ameno. Estela começou a desenhar, dizendo que desenharia sua mãe dessa vez porque ela pediu. Comentou novamente que a mãe crê que ela goste mais da avó, prova disso, para Vânia, seria que Estela desenharia a avó primeiro. Dedicou-se a desenhar a mãe, dizendo que desenharia toda a família, ao que parecia, em folhas e momentos separados. Depois da mãe desenharia a tia, a irmã e assim por diante. Quando questionada se desenharia o pai, respondeu que não, pois ele não era da família, iniciando um discurso impróprio para sua idade, parecendo ser uma reprodução de uma fala da família. A fala basicamente consistia em que o pai não dava nem R\$ 1,00 para ela, que era filha dele e estava de aniversário! Enquanto a mãe dera para elas - Estela e irmã - R\$ 200.000,00 (devido à venda da casa, até onde foi possível entender). Em continuidade a essa fala, seguem-se comentários de desprezo à figura paterna, confusos devido a não ficar claro se esta é uma fala legítima ou enviesada pela família.

Nessa sessão, comentou que colocará 2 *piercing*, um na barriga e outro no nariz. Na barriga disse que seria de verdade, que já estão comprados. Finalizou o desenho da mãe de forma bem detalhada. Entretanto a mãe é uma figura infantilizada, o céu possui dois sóis e com um traço forte.

Ao mesmo tempo em que era crítica e severa consigo, Estela apresentava-se como se tudo soubesse, quando na verdade não sabia. Por exemplo, estava falando dos vereadores e

candidatos a prefeito da cidade, dizia saber todos, perguntado para ela quem eram, ela disse X e Y, “só sei esses!”. Esse tipo de situação era freqüente nas sessões dela.

Quando o assunto da violência era abordado, sobre o pai e a razão dela estar ali, ela começava dizendo que o repudia e imediatamente trocava de assunto. Ao ser pontuado que ela não parecia se sentir pronta para falar sobre isso, ela ria e perguntava por que. A profissional pontuou que ela mudou de assunto. Rindo novamente, diz: “Tu percebeu!” (*sic*).

Dirigiu-se à casinha, mas, antes da brincadeira propriamente dita, quis organizar a casa, pedindo para a profissional escolher quem seriam os bonequinhos. Contudo, foi ela mesma quem acabou por fazer esta escolha. Estela deu a figura da mãe à profissional e à ela coube a de filha. Entretanto, a brincadeira não prosseguiu, porque a menina se deteve a montar e organizar os cômodos da casa e o tempo da sessão se esgotou. Combinada nossa próxima sessão, saímos.

Quarta Sessão: 03 de setembro de 2008.

Vânia desmarcou a sessão, alegando que não conseguia fazer Estela levantar da cama.

Quinta sessão: 08 de outubro de 2008.

Não compareceram. Vânia alega que se enganou nos horários.

Sexta sessão: 09 de outubro de 2008.

Estela veio com a mãe.

Tomando por referência o serviço em que estava inserida a pesquisa, optou-se por perguntar novamente a Estela se nesse dia estava disposta a contar o que havia acontecido com ela. Ficou-se na mesinha e a menina fez perguntas do tipo: “Como assim?”, “Não entendi o que tu quer” (*sic*). A profissional tentou explicar que seria importante ela poder estar falando, na medida em que pudesse, o que havia ocorrido com ela, para que, assim, pudesse ajudá-la. Estela mostrou-se muito resistente a tocar no assunto, o que é compreensível,

entretanto necessário, visto que não existiam evidências físicas do abuso sexual, e a sintomatologia apresentada por ela poderia ser referente a outras situações que não somente o abuso em si.

Ela, com as mãos na cabeça, disse que não conseguia explicar, que não tinha palavras para expressar e que não conseguia entender - “Eu não entendo o que aconteceu!” (*sic*) - o que havia acontecido, sendo pontuado que era para ajudá-la nisso que estava no serviço. Estela alega que ninguém podia ajudá-la. A profissional respondeu que ninguém a fará esquecer o que ela passou, ninguém conseguirá mudar o que aconteceu, mas é possível ajudá-la a viver melhor, sentir-se bem e poder continuar sua vida (escola, amigos, confiar nas pessoas,...). Entretanto, Estela optou por não falar. A única referência que fez foi: “Meu pai fez algo muito errado.” (*sic*), dizendo que falaria em outro momento, na sessão seguinte, em lugar mais calmo. Foi feita referência nesse momento ao fato de ter sido combinado com ela que, na sessão seguinte, seria diferente, faria uma avaliação, o Rorschach, e essa avaliação seria em outra sala, sem brinquedos. Percebendo a clara resistência de Estela, não se prosseguiu com as perguntas, deixando-a livre para fazer o que quisesse.

Na continuidade da sessão, desenhou um pouco, usando uma tinta meio seca que tinha na sala. Em seguida, pegou uns livros e disse que desejava brincar de ler, que adorava isso. Estela começou a ler, apresentando dificuldades significativas na leitura (como por exemplo, na junção das sílabas de toda a palavra). Contudo, essa dificuldade não corresponde à imagem que exterioriza de si: de alguém capaz, inteligente, etc. Entrando em contato com sua dificuldade, expressou o desejo de voltar à escola, sendo que, inclusive, antes de chegar ao Acolher, passou por uma escola e chorou.

Em seguida, chamou-lhe a atenção um jogo de argolas, cujo objetivo é pontuar. Segundo os cálculos da menina, ela ganhara o jogo, contudo seus cálculos foram confusos e pouco exatos. Logo, focou-se na casinha terapêutica, que, em geral, é um brinquedo que Estela gostava, mas que, paradoxalmente, deixava sempre por último, não dando tempo para a brincadeira se desenvolver. Isso voltou a ocorrer nessa sessão. É importante citar que, ao se encerrar a sessão, Vânia solicitou falar com a profissional. Em uma sala reservada, pediu um atestado para a escola, devido ao fato de Estela não estar freqüentando as aulas, o que acarretaria em problemas com o Conselho Tutelar. Entretanto, o que ficou subentendido era uma solicitação de atestado para comprovar que a menina *não podia* freqüentar a escola em virtude da suspeita de abuso, o que, obviamente, não foi declarado em atestado.

Sétima sessão: 15 de outubro de 2008.

Aplicação de Rorschach. Durante a aplicação, em uma sala diferente da habitual, Estela mostrou-se ambivalente em seu comportamento, agitada e sonolenta, expressando movimentos com as pernas e freqüentes bocejos. Suas respostas foram rápidas e em grande número. Além disso, solicitava a examinadora a falar sobre o que ela própria poderia estar vendo. Na mesma sessão, aplicou-se o teste e o inquérito.

Oitava sessão: 22 de outubro de 2008.

Não compareceram e não houve justificativa para tal ausência.

Nona sessão: 29 de outubro de 2008.

Não houve sessão em virtude de uma confusão do secretário do Acolher, o qual acabou mandando Estela embora, alegando que o serviço não funcionaria naquela semana. A sessão foi remarçada.

Décima sessão: 31 de outubro de 2008.

Não compareceram. O secretário ficou de confirmar a próxima sessão.

Décima primeira sessão: 5 de novembro de 2008.

Estela, a mãe e a tia chegaram pontualmente nessa sessão. Antes de subir para a sala com a menina, desculpei-me pelo mal entendido do secretário. A mãe pareceu não ter se importado muito com a situação, somente justificou que não pôde levá-la na sexta. Certamente isso é uma característica da dinâmica desta família. Vânia pediu para mudarmos o horário para parte da manhã. Assenti pontuando que, em outro momento, isso fora uma dificuldade para ela. Estela apresentou um comportamento de birra, sinalizando que não

gostou da idéia de levantar “cedo”. A mãe retrucou dizendo que isso é inevitável, visto que voltará para a escola.

Na sala de atendimento, Estela ficou mexendo em uns brinquedos que estavam em cima da mesa. Questionada sobre o colégio, quando voltaria e se ela estava se sentindo bem, respondeu que sim, que queria e iria voltar. Comentou sobre as opções de colégio e sobre sua preferência por um em função da tia poder dar carona de carro, o que segundo ela, era muito melhor. Comenta também que se sentia muito melhor, que já não tinha mais os sintomas anteriores (como enurese, diarreia, etc.). Retomado com ela o momento em que se encontrava, de avaliação, que houve um período longo que ela não foi às sessões, mas que a avaliação em breve iria acabar e ela seria encaminhada para outro psicólogo. Tornou-se a sinalizar a necessidade de se ouvir a história dela e o que aconteceu com ela. Ela perguntou se, quando fosse encaminhada, poderia escolher entre homem ou mulher psicólogo, foi respondido que sim e perguntou-se qual ela preferiria, “Mulher!, Claro!” (*sic*), tecendo um comentário pejorativo aos homens. Aproveitando o assunto, foi-lhe perguntado se estava vendo o pai, Estela respondeu negativamente, alegando que sua mãe não permitia que ele a visse. Perguntada a razão, ela disse que a mãe não o deixava a ver devido ao que ele “fez”, perguntado o que o pai havia feito, ela prontamente respondeu: “abusou sexual” (*sic*).

A sessão acabou se transformando no momento da revelação dos fatos, pois, ao lhe ser perguntado o que é abuso sexual, ela respondeu que seu pai passava a mão nas “tetos” (*sic*) dela, na “pepequinha” (*sic*) dela, pedia para ela pegar no “pingulim” (*sic*), dele e que quando tomava banho, ele ficava olhando para ela enquanto se lavava. Assim como, quando ia ao banheiro, ele a acompanhava para ficar olhando para a “pepeca” (*sic*) dela. Comentou também que ele mandava ela sentar no colo dele e que sentia o “pingulim” (*sic*) do pai. Relatou que ele também fez isso com a irmã, mas não soube dizer com exatidão o que houve com ela, comentando que o pai abusou do primo, da tia e da avó materna. Fez referências a ele ser chato, um monstro, que o queria morto e que se isso acontecesse de fato, ela não iria no velório. Mais uma vez, Estela buscava elementos de identificação dentro da própria família, atribuindo a situação do abuso a quase toda ela, o que certamente não correspondia à realidade. Estela referiu que sua mãe definiu o pai como pedófilo – não pronunciou corretamente - perguntado o que era isso para ela, disse que era quem abusava sexualmente de crianças e de adultos.

Quis saber se podia desenhar. Enquanto desenhava, foi-lhe perguntado se lembrava quando começaram os abusos. Estela contou que desde os cinco anos até os nove, quando os pais se separaram e ela foi morar na casa da avó. Conta que o pai pedia para ela ir deitar com ele, quando a mãe não estava em casa. Perguntei por que ela não contou antes sobre isso. A menina respondeu que sentia medo, que o pai fazia ameaças de matá-la.

Ela desenhou a irmã. Desenhou um sol bem no centro da folha, de ambos os lados duas nuvens. Uma delas desenha e diz que o nariz (da nuvem) é igual do pai dela, “feio”. Do outro lado da folha, desenhou o namorado da irmã, comentando que são casados, morando juntos na casa da avó.

Quando já estávamos em presença da mãe, esta se dirigiu à profissional com a finalidade de saber se foi confirmado o abuso, relatando que Estela havia dito para ela que se decidira contar tudo em virtude de Vânia a ter comparado com o pai pela manhã - Estela reagiu violentamente ao comentário dizendo que não era parecida com o “monstro”. Também comentou que o pai da menina entrará com um pedido de guarda e será através dessa avaliação que ela o impossibilitará de ficar com a menina. Vânia relatou que o pai irá solicitar a guarda porque ela não o deixa ver Estela.

Décima segunda sessão: 12 de novembro de 2008.

Estela chegou com a avó. Em função do relato de Vânia, e da “coincidência” do momento em que a revelação ocorreu, e após consultar a orientadora, é colocado para Estela se haveria a possibilidade de contar novamente sua história. A finalidade desse pedido se deu em função de tentar ratificar sua versão.

A menina contou basicamente a mesma história. A única questão que chamou a atenção foi que ela frisou mais o fato de o pai olhar para a “pepequinha” (*sic*) dela. Perguntado se ele só olhava para ela, Estela disse que não, que ele tocava nela. Contou que o pai olhava-a durante o banho, que tocava nela, que ela devia tocar nele, que o abuso havia começado desde os 4 anos. Quando disse isso, ela pergunta se havia dito 4 anos ou 5 anos anteriormente, 5 anos, afirma a profissional, ao que ela disse: “Sim, isso, cinco anos!” (*sic*).

Quando perguntado a ela a razão de nunca ter comentado isso antes com alguém, ela contou que o pai a ameaçava. Foi-lhe perguntado como, Estela responde: “ele dizia que ia me

dar uma bicicleta, ...” (sic), claramente isso não caracteriza ameaça, e sim, suborno. Também comentou que a avó a proibiu de chamar seu pai de “pai”; agora, ela só deveria chamá-lo pelo nome (Wilson).

Relatou, em seguida, que será levada para falar com o Juiz. Quando questionada sobre o que ela teria que falar, Estela afirmou que dirá o que ele quiser ouvir. Foi-lhe pontuado imediatamente a necessidade de falar o que é verdade, não o que ele deseja ouvir. Ela concordou rindo. Houve uma forte preocupação com essa colocação que indicava ser muito espontânea por parte da menina, no sentido da fidedignidade de seus relatos.

Décima terceira sessão: 19 de novembro de 2008.

Aplicação do HTP. A sessão de aplicação desse instrumento transcorreu tranqüila, embora os desenhos tenham sido realizados rapidamente. No inquérito, Estela se utilizou de elementos externos, possíveis de serem vistos pela janela da sala.

Décima quarta sessão: 26 de novembro de 2008.

Não compareceram, desmarcaram em função de Estela estar doente.

Décima quinta sessão: 04 de dezembro de 2008.

Devolução e encerramento com Estela.

Entrevista com irmã mais velha, Joana, 16 anos.

Entrevista com Joana, irmã de Estela, 16 anos

Foi marcada uma entrevista com Joana, tendo em vista que, segundo Estela, a irmã fora abusada pelo pai, e também para obter outra perspectiva da situação. Todas as falas de Joana foram a partir de perguntas introduzidas pela profissional.

A postura de Joana foi de disponibilidade e ela prontamente falou sobre a situação de abuso de Estela. Mostrando-se profundamente indignada com o pai, disse que não esperava dele uma coisa dessas e que nunca desconfiou de nada, nunca presenciou ou imaginou que poderia estar ocorrendo algo assim. Questionada como era sua família, ela relatou que a relação dos pais sempre lhe pareceu boa, aparentemente se entendiam bem. Mas houve um desgaste, separaram-se algumas vezes e voltavam, na última vez, em função de Estela sentir muitas saudades do pai. A denúncia veio depois que os pais já estavam separados. Segundo Joana, Estela, certa vez deitada com avó e com ela começou a contar que o pai estava fazendo algumas coisas com ela. A avó ouviu, mas logo a menina começou a chorar. Segundo o relato da irmã, Estela disse que o pai costumava procurá-la à noite, acariciando-a. Reafirmou que isso realmente só podia acontecer nesse momento, enquanto ela dormia, porque nunca viu ou ouviu nada, e com a mãe fora (a trabalho) ficavam somente os três em casa normalmente, segundo ela.

A avó contou para a mãe, a qual tomou as providências de contar para toda a família, em uma reunião. Buscado confirmar o fato da denúncia ter ocorrido depois da separação e não durante, ou antes e mais uma vez, confirmou-se a versão da denúncia ter ocorrido após a separação.

Joana disse que com ela nunca aconteceu nada parecido - desmentindo relatos de Estela, que afirmava ter acontecido com a irmã também. Acredita que o pai tenha feito o que fez com a irmã mais nova e não com ela em função da idade da menina, pelo fato dela não poder compreender com clareza os fatos. Diz ela: “um anjinho, um inocente, porque se fosse comigo eu contaria” (sic). Comentou sentir muita raiva do pai, que se sente muito incomodada de pensar sobre isso. Questionou-se sobre outra situação semelhante dentro da família envolvendo o pai, ela afirmou que não, que ele sempre foi uma pessoa adorada por todos. Comentou que sua relação com ele sempre foi boa, de pai e filha. Entretanto, agora não se vêem mais, nem o telefone dele possui.

A partir de uma pergunta de como a família lidava com esse assunto, Joana disse que eles procuravam não comentar sobre isso com a finalidade de preservar Estela e também porque tem uma tia grávida que, toda vez que se toca no assunto, fica nervosa. Contudo, seria mais no sentido de não expor a irmã - ponto que destoa do discurso de Estela, no qual parece que esse assunto é tema central da família.

Comentou, espontaneamente, que Estela é muito difícil, que possui um “gênio” (*sic*) forte e irrita-se com facilidade. Sempre responde com a voz alterada, o que a deixa irritada também. O pai é descrito da mesma maneira, como alguém que seguidamente gritava, era distante e que a relação dos pais se desgastou em função disso. A mãe o esperava “com chimarrão” (*sic*) e ele não atribuía valor a isso.

Segundo Joana, Estela considera como figura de autoridade a avó, sendo que anteriormente era o pai. Não apresentava mais os sintomas agudos como enurese. Entretanto, ainda apresentava dor abdominal (dor de barriga) quando se sentia nervosa ou tinha que sair de casa. Joana, durante sua fala, apresentava-se agitada motoramente e visivelmente revoltada com a situação na qual a irmã estava envolvida, chorando com frequência durante seus relatos.

Entrevista de Devolução com mãe de Estela

A entrevista devolutiva ocorreu no dia seguinte ao último encontro com Estela e à entrevista com Joana. Compareceram a mãe e a avó materna. Durante a entrevista, não houve dados novos, somente a confirmação de algumas situações como o primeiro relato de Estela que foi dirigido à avó, o pedido de separação ter ocorrido antes da denúncia, além de se buscar ratificar com ambas a postura delas frente ao ocorrido, ou seja, entender como trabalham com isso em casa.

Segundo elas, não se falava mais sobre a situação do abuso sexual, nem se fazem referências pejorativas ao pai. Tudo o que Estela manifesta é fruto das suas próprias conclusões. É pontuada a necessidade de Estela poder continuar sua vida e de entenderem que não há culpados, ou seja, nem Vânia, nem Joana ou a avó eram responsáveis pelo que Vilson havia feito. Portanto, deviam tratar a menina normalmente e não de maneira especial, visto que ela estava se utilizando, através de ganhos secundários, dessa experiência, para conseguir alguns benefícios e concessões da família.

O único dado novo foi referente a uma visita que o pai teria feito à escola. A situação se configurou da seguinte maneira: a escola chamou os pais em virtude de um celular que havia sumido dentro da sala de aula, Vânia não pode ir e Vilson compareceu. A professora responsável explicou a situação do celular e da revista das mochilas. O pai alegou que a filha

não queria ir mais à escola em função de ter sido exposta. Em seguida, a professora comenta que a menina andava apresentando um comportamento diferente, ansioso; o pai começa então a comentar que a menina tende a inventar histórias, que seguidamente apresenta esse comportamento, falando sobre coisas que não acontecem de fato.

A indicação terapêutica é que a menina siga um tratamento psicológico.

Dados da avaliação

A avaliação se estendeu até dezembro, visto que a frequência às sessões era seguidamente interrompida por razões variadas e, em algumas vezes, com justificativas pouco consistentes. O número total foi de nove sessões, incluindo a devolução para a mãe e a avó. Levando em consideração o número total agendado, seriam 16 sessões, contudo quase a metade delas foi desmarcada ou simplesmente não houve o comparecimento. Durante as sessões de avaliação, foram utilizados diversos recursos técnicos, como A Hora de Jogo Diagnóstica, o HTP e o teste do Rorschach, além de entrevista com a irmã mais velha, mãe e avó da menina.

Inicialmente, apresentam-se as avaliações de cada instrumento aplicado, seguido da integração dos resultados para cada caso do estudo.

1. Teste Rorschach.

Segundo a avaliação realizada pelo instrumento Rorschach, através dos aportes de Anzieu (1986) e Traubenberg (1998), foi possível estabelecer-se uma compreensão estrutural da personalidade de Estela. Abaixo, na Tabela 1 – Cotação Rorschach / Estela, apresenta-se a síntese das principais características do protocolo de respostas.

O tempo total do protocolo de Estela foi de 751 segundos.

Tabela 1 – Cotação Rorschach / Estela

Prancha	TR	Localização	Determinante			Conteúdo	
			Movimento	Profundidade	Forma	Cor	
I	4"	G			FC	A	BAN
II	1"	D			F+	A	BAN
III	3"	Dd			F	A	
		D			F+	Anat	
		D	KAN		F+	A	BAN
IV	4"	D			F+	(A)	BAN
V	1"	G			F+	A	BAN
		G			F+	A	BAN
		D			F+	A	BAN
VI	15"	Rejeitada					
VII	5"	G			F+	A	
VIII	8"	G			F+	OBJ	
		D			F	Ad	
		D	KAN			A	BAN
IX	5"	G			F+	A	
		D			F+	A	
		D			F+	A	
		D			F+	(H)	
X	5"	Dd			FC	A	
		Dd			F+-	A	CHOQUE
		Dd			CF	A	BAN
		Dd			F	A	
		Dd			CF	ANAT	
		Dd				A	
		Dd	Kp			ANAT	

De maneira geral, observou-se que a capacidade de Estela de apreender a realidade se dá, predominantemente, através da minúcia, do pequeno detalhe. Houve um elevado número de respostas de detalhe (dd = 8, 32%). Entretanto, ela apresenta certa dificuldade na organização de aspectos práticos da mesma (D tracejado = 11, 44%), ainda que possua recurso para apreender a realidade de maneira mais ampla (G = 6, 24%).

Na análise de F+ (=52%), percebe-se uma significativa perda de eficiência na execução da tarefa, ou seja, a tarefa é executada, contudo, não há aproveitamento da mesma, o que pode indicar uma dificuldade de elaboração das situações experienciadas. Há também uma clara dificuldade no controle dos afetos. No item F % (=72%), Estela apresenta-se na média, indicando a tentativa do controle, o qual não consegue ser efetivo como referido no F+.

As respostas banais (Ban) são elevadas para a idade da menina (36%), indicando que Estela já conhece o que deve ser dito e com isso possui um repertório de respostas comuns e prontas. Isto é, atende à expectativa social ou do ambiente, simplesmente. Com isso, seu posicionamento frente à realidade torna-se precário e defensivo, visto que, ao estar assentada na norma, não se coloca de maneira espontânea e autêntica frente às situações, não expondo, com isso, suas particularidades.

Em termos de identificação, Estela apresenta um alto índice de conteúdo Animal nas respostas (A% = 72%), o que indica, mais uma vez, a dificuldade de se colocar frente às situações. O fato de estar identificada com animais aponta para uma forte dificuldade de se identificar com o ser humano. Para a sua faixa etária, esse número está muito alto. Estela já deveria ter buscado referências humanas como meio de identificação. Ratificando essa conduta, o índice de H% (resposta humana) é extremamente baixo (H% = 4%, representado por uma única menção durante todo o teste).

Analisando a fórmula da angústia, $(HD + Anat + Sex + Sg + Frag / R \times 100)$ Estela se encontra no limite da sua funcionalidade psíquica (Form. Angústia = 12), dando margem para se inferir que, dentro desse quadro, há uma produção de sintomas – enurese, diarreias, ansiedade generalizada, etc. – que, contudo, não dá conta por si só de manter a menina adaptada. Este aspecto levanta a possibilidade de um prognóstico reservado, caso não receba tratamento. Além disso, seus recursos defensivos – muito potentes – expressados pelos índices A, Ban, dd e F+%, seriam os responsáveis pela sua adaptação à realidade, sendo que a

presença de respostas F+ também indica a baixa efetividade, ou seja, sua frágil capacidade de elaboração. Diante desses dados, confirma-se o risco potencial de desorganização psíquica.

Quanto ao Tipo de Ressonância Íntima ($TRI = K = 0 < \sum C_p = 4$), o qual expressa a forma como o sujeito se coloca frente ao outro, Estela manifesta o modo *Extratensivo Puro*. Isto é, a menina responde ao ambiente conforme percebe as demandas, manifestando externamente justamente o que é esperado dela, sendo que o conteúdo singular e próprio permanece internalizado, ou seja, não é exteriorizado em momento algum. Estela funciona como um espelho, refletindo os afetos e não os internalizando através de elaboração os mesmos.

Na fórmula de Tendências Latentes ($TL = \sum K = 3 > \sum E_p = 0$), que indica o que há de mais primitivo no sujeito, Estela mostra-se como *Introversiva Pura*. Isto é, não há expressão das tendências primitivas ou rompimento com as normas. Esse comportamento se traduz por uma falta de rompantes ou comportamentos aparentemente inusitados ou injustificados, como uma crise de choro. Articulando com a Fórmula da Angústia, Estela está sofrendo com as tendências que não encontram vias de expressão, visto que, ao não haver um processo de elaboração, também não há trabalho interno. Logo, a TL da menina indica que há dificuldades no processo de decodificação interna das experiências como, por exemplo, a situação do abuso sexual. Ou seja, internamente a situação não foi elaborada e ainda nem sequer a tocou profundamente. Pode-se pensar acerca desta possibilidade através da observação de que a realidade interna de Estela está à parte de todos os acontecimentos.

Finalmente, na avaliação da terceira fórmula ($VII + IX + X / R \times 100$), o percentual é de 56%, apontando uma forma Extratensiva, a qual novamente aponta para as características de que Estela é tocada pela externalidade do estímulo afetivo. Contudo, este é refletido imediatamente. Mais uma vez, confirma-se a postura de falta de internalização e, com isso, de elaboração. Esse item também se agrega aos dados encontrados em TRI.

Por fim, é interessante ressaltar que não houve presença de figura humana de maneira significativa, nem mesmo de movimento humano. Mesmo nas pranchas que remetem ao contato e à identificação com o humano, não houve respostas nesse sentido, como, por exemplo, nas pranchas I, II, III e VII. Em suma, há fortes indicativos de uma impossibilidade de identificação com as figuras humanas, comum em crianças pequenas, entretanto, não esperadas para a faixa etária em questão.

Considerando o interesse deste projeto acerca da verificação da representação e escolha objetal em pré-adolescentes vítimas de abuso sexual, identificando aspectos da reedição edípica e da organização psíquica estruturante das vítimas, uma análise mais aprofundada das pranchas é fundamental. As pranchas que apontam para figuras humanas, tais como a I, II, III e especificamente as pranchas IV (paterna) e VII (materna), no caso de Estela, apresentaram os seguintes resultados:

-Prancha I: “porque ele é preto o morcego, porque tem um rabinho e por causa das asas. Só.” Na tabulação, encontra-se uma resposta global (G), acompanhada pelo determinante de Forma-Cor, com conteúdo animal e banal.

- **Prancha II:** “esse aqui vai ser difícil. Ai meu Deus do céu... esse aqui eu não sei. Uma aranha e um pássaro.” No inquérito, nega o pássaro, referindo ter visto uma “cabeça de touro”. Tabulando esses dados, tem-se para a cabeça de touro – resposta adicional – não sendo cotada. Já para a aranha tem-se uma resposta de detalhe (D), com determinante Forma, com conteúdo animal e banal.

-Prancha III: “um sapo. Um sapo. É só um sapo... não! E uma caveira... é, um bichinho... uma caveira. Um ratinho. Dois ratos.” Nessa prancha, a localização é detalhe (Dd e D), o conteúdo é Animal e anatômico, os determinantes são de Forma e a última banal.

-Prancha IV: “Ah... essa aqui eu não sei, não tenho a mínima idéia. Não sei. É um bicho, mas eu não sei o nome”. Nesta prancha ocorreu choque na resposta.

- **Prancha VII:** “só vem meu Deus coisa difícil! Esse aqui também parece um sapo. O que tu vê? É parece um sapo.” A localização é global (G), com forma positiva e conteúdo animal.

Verifica-se que em nenhuma destas pranchas houve manifestações de formas humanas, predominando respostas de conteúdo animal, baseadas na forma, e também o destaque ao conteúdo anatômico. Notoriamente, as pranchas IV e VII provocaram respostas vagas, havendo dificuldades na formulação das repostas.

2. Teste do HTP.

A interpretação da avaliação do HTP é dividida em Características Gerais do Desenho e Características do Desenho Específicas da Figura – Casa, Árvore e Pessoa. De maneira

geral, todos os desenhos de Estela estão localizados do centro para a esquerda da folha, indicando comportamento impulsivo e busca por satisfação imediata e direta das suas necessidades. As margens se excedem na figura da Árvore, no qual o desenho é interrompido por falta de espaço na margem superior, o que pode indicar fixação no pensamento e na fantasia como fonte de satisfação. Os tempos revelam um fenômeno de choque (resposta defensiva frente ao estímulo), na Casa: Tempo de Latência (TL) = 2", Tempo Total (TT) = 2'; na Árvore: TL = 4", TT = 1'18"; e na Pessoa: TL = 4", TT = 1'52").

A relação dos desenhos com o observador se localiza no mesmo nível da criança. Encontram-se de frente para o observador e não há indícios de movimento na figura da casa e da pessoa. Contudo, somente na figura da árvore, na qual Estela se desenha junto a uma árvore grande, regando-a, aparecem movimentos.

Em todos os desenhos, existem detalhes não essenciais, indicando um bom contato com a realidade e uma interação sensível. Contudo, há também detalhes irrelevantes, que sugerem sentimento de insegurança básica ou uma necessidade de estruturação da situação de maneira mais segura. Os desenhos foram feitos de maneira acromática. O tempo para a execução dos desenhos é um dado que deve ser levado em consideração, devido a Estela ter sido extremamente rápida na execução de todos, não permanecendo mais que dois minutos na elaboração.

No desenho da Casa, a impressão geral é de um desenho grande, de uma casa com duas portas grandes e janelas no telhado, compostas por grades e cortinas. Junto à casa, ainda há uma flor de tamanho maior do que o padrão. A perspectiva da casa é de dois lados, uma frente e um lateral, ou seja, a posição é de perfil parcial. Em relação às portas grandes, indicam dependência, além de preocupação fática em virtude das maçanetas cuidadosamente desenhadas. Há ainda, uma sensibilização defensiva. As janelas abertas apontam para um controle de ego pobre, além de retraimento e evasão representados pelas cortinas.

A casa em que Estela diz ter pensado no momento do desenho é a da avó, figura apontada como de autoridade na entrevista com a mãe. Em relação à escolha do cômodo, a menina indica o da frente por ter uma grande janela, sugerindo necessidade de controle e desconfiança. Quando questionada sobre o que a casa a faz pensar, momento em que se avalia a qualidade da associação e sua valência, Estela reflete o estímulo não trazendo conteúdo interno, respondendo que lembra de uma casa muito bonita, como a que enxerga pela janela,

“aquela lá” (*sic*). Continuando, reflete uma posição onipotente em relação aos demais membros da casa e à dinâmica familiar.

O desenho da Árvore representa as associações mais inconscientes em relação aos outros desenhos, sendo uma representação da experiência de equilíbrio sentido pelo sujeito, além da visão de seus recursos de personalidade para a obtenção de satisfação do ambiente. A árvore é grande, chegando ao limite da margem superior, indicando uma busca de satisfação supercompensatória. O tronco estreito na base e alargado o topo reflete um forte indicativo de patológico, “que sugere um esforço além das forças do indivíduo, com uma implicação concomitante de um possível colapso do controle do ego.”, (Buck, 2003, p.50) o que corrobora os dados encontrados no Rorschach. A árvore se encontra posicionada de frente e há indicação de movimento no desenho. O detalhe irrelevante – Estela se auto-desenhou – rega a árvore com um regador claramente fálico, que jorra a água na base da árvore, a qual contém um buraquinho, indicando ser uma cavidade. As raízes estão expostas, o que indica busca por uma fonte de satisfação superficial. Não existe indicação de galhos, contudo, há no centro da grande copa, uma grande maçã, centralizada e única. Árvores frutíferas indicam imaturidade e dependência nessa faixa etária. A copa, em formato de nuvem, encontra-se achatada, sinalizando a vivência de pressão ambiental.

A árvore grande e vigorosa sugere um sujeito com fortes necessidades de dominação e exibicionismo. Além disso, há mais uma indicação de patologia nesse desenho, a qual pode ser constatada quando, junto à árvore, é desenhada uma pessoa, como é o caso. A figura da pessoa junto à árvore é descrita como a própria menina, possui os olhos fechados e ausência de mãos e, embora o traço seja forte, trata-se de uma figura estereotipada.

No inquérito, o sexo atribuído à árvore é feminino e as respostas são claramente mais pobres que as dos demais desenhos. Tendo em vista que a árvore suscita aspectos mais inconscientes, é compreensível essa pobreza de respostas diante da dinâmica de Estela. É durante o inquérito que retoca o desenho, agregando a ele o regador segurado pela figura humana. Quando questionada sobre quem essa árvore poderia ser, faz novamente referência a si mesma.

O desenho da Pessoa sugere associações mais conscientes e está vinculado à expressão da imagem corporal. A figura desenhada é a mãe de Estela, que se encontra mais à esquerda da folha e com o corpo predominantemente no terceiro quadrante. Os braços encontram-se

afastados do corpo e, embora a figura segure uma flor, não possui mãos, conotando claramente uma área de conflito e indicando um sentimento de inadequação. As pernas, fortemente unidas, denotam uma atitude de tensão, podendo indicar desajustamento sexual, além dos pés que se encontram apontando para diferentes direções, sugerindo sentimentos ambivalentes. Em relação aos detalhes essenciais, há uma ênfase na boca e no nariz, sendo que estes são retocados no momento do inquérito. A boca, em especial, mostra-se aberta, com os dentes à mostra e com aparelho dentário, denotando certo nível de agressão. Quando existe ênfase no nariz, há indicativos de uma preocupação fálica e temor à castração. A figura não está apoiada sobre a linha do solo, embora ele exista no desenho e, ainda, há uma indicação de estereotipia, visto que as figuras são muito parecidas (Figura Humana, humano desenhado junto à árvore e desenhos livres realizados durante as sessões diagnósticas).

No inquérito da Figura Humana, há uma referência direta à figura da mãe. Quando questionada sobre o que a figura poderia estar pensando, Estela responde que o desenho pensava nela mesma, a menina. Refere, ainda, que a figura é feliz, porque tem uma filha feliz e, portanto, deve ser feliz também. Embora, quando questionada saber quem essa figura a fazia lembrar, responde que da sua avó, em virtude da figura e da avó serem pessoas felizes. Estela coloca-se de forma central nas respostas do inquérito da figura humana, respondendo que o que a figura mais precisa seria dela, Estela, e, quando desenha o sol, afirma que esse seria ela, caracterizando seus sentimentos de domínio na relação com a família.

Discussão

Através da história de Estela e dos instrumentos utilizados, pode-se ter uma percepção aprofundada da dinâmica de sua personalidade e da forma como lidou com a situação de abuso sexual. Uma menina aparentemente colaborativa que, no entanto, funciona de maneira superficial e pouco efetiva, lançando mão de defesas maciças, a ponto de manter muito do conteúdo angustiante no externo, sem que esse conteúdo possa ser introjetado e elaborado. Exemplos disso podem ser constatados nos exames de HTP e de Rorschach, nos quais ela utiliza elementos externos para as suas respostas; no inquérito do desenho da casa e na análise da sua estrutura que aponta pouco movimento interno; e também na Hora de Jogo Diagnóstica, na qual adotava uma postura invasiva e pouco autêntica.

Na Hora de Jogo Diagnóstica, é possível serem investigados pontos importantes do funcionamento das crianças, visto que essa técnica é utilizada no mesmo sentido que se utiliza a fala com o adulto (Efron *et al*, 2001). Existem alguns indicadores que Efron *et al* (2001) sugerem para a análise na Hora de Jogo, tais como: escolha dos brinquedos e brincadeiras, modalidades de brincadeiras, personificação, motricidade, criatividade, capacidade simbólica, tolerância à frustração e adequação à realidade. No caso de Estela, esta se detinha em suas sessões mais à organização da brincadeira do que propriamente a brincar de fato por exemplo, com a casa terapêutica, além de apresentar a tendência a brincar com situações que lhe colocavam diante de uma clara dificuldade (brincadeiras que envolviam contas ou leituras). Tal como descrevem Efron *et al* (2001), Estela funcionava em um nível esperado para uma criança de três anos, no qual a brincadeira é egocêntrica, voltada para a investigação do objeto e para o prazer que lhe proporciona seu exercício e sua manipulação.

Em relação às identificações, estas podem ser exploradas através do indicador de personificação. Segundo Efron *et al* (2001), é comum em pré-adolescentes uma inibição dessa atividade, visto que eles podem *atuar* de maneira real suas fantasias. Estela não se utilizou da personificação, embora, em alguns momentos, suas falas não soassem próprias, isto é, claramente provinham da família. Logo, há busca de referências dentro da própria família, ainda que isso, muitas vezes, seja extremamente confuso para a menina, como, por exemplo, quando cita que vários membros haviam sofrido abuso sexual por parte do pai.

Em termos de criatividade, não havia expressões muito significativas, visto que Estela parecia ir ao atendimento já “organizada” a fazer determinado desenho ou brincadeira, além disso seus desenhos eram todos muito parecidos. A criatividade revela a plasticidade do ego e sua capacidade de abertura para novas experiências, tolerando a falta de estrutura do campo (Efron *et al*, 2001).

A tolerância à frustração também é um item que deve ser levado em conta no caso de Estela. Embora nunca reagisse com raiva ou descontrole, denotando impulsos primitivos, quando se deparava com uma situação que lhe frustrava, tratava de encerrar a brincadeira (brincadeiras ligadas à leitura e contas, por exemplo).

Ainda na questão do abuso sofrido, segundo os relatos de Estela, ocorreram ganhos secundários bem pontuados, como quando afirma a ter sido ameaçada, quando na verdade ganhava presentes.

No HTP de Estela, podem-se perceber pontos comuns aos desenhos de crianças que sofreram abuso sexual, como as pernas juntas e pressionadas uma à outra (figura humana), árvores fálicas (o desenho da árvore está sendo “fecundado” pelo regador fálico carregado por uma figura humana), olhos omitidos e/ou pequenos (os olhos da figura humana junto à árvore). Segundo Buck (2003), crianças vítimas de incesto possuem controle precário de impulsos e desenvolvem uma estrutura defensiva que enfatiza a regressão.

Há que se levar em consideração, quando se fala em defesas, a velocidade com que a menina respondeu aos estímulos dos testes. Todos os tempos cotados remetem a um estado de choque ou angústia (Casa: TL = 2”, TT = 2’; Árvore: TL = 4”, TT = 1’18”); Pessoa: TL = 4”, TT = 1’52”), dando margem para deduzir-se que Estela tinha a intenção de se livrar tão logo pudesse dos estímulos, já que estes a angustiavam e, não havendo outra forma de lidar com isso, repelia-os através de um comportamento esperado – outro ponto importante do seu funcionamento. Os tempos de latência são inferiores a 30”, e os tempos totais esperados para os desenhos do HTP devem variar entre 10 a 12 minutos por desenho (Buck, 2003).

Na avaliação do Rorschach, é esperado encontrar em crianças que sofreram abuso sexual características de personalidade de depressão, ansiedade, impulsividade, dificuldades de relacionamentos, fragmentação do *self*, obsessividade, uso excessivo de fantasia, agressividade, dificuldade na sexualidade, entre outros (Fontes, Scheffer & Kapezinski,

2007). Em termos de conteúdo, de acordo com estudos que utilizaram o Rorschach, é esperado, nessas situações, conteúdo predominantemente animal ou humano descaracterizado.

Em todas as pranchas que solicitam ao sujeito uma identificação com humanos, relações sociais, ou figura feminina, Estela apresentou dificuldades em reconhecer estas características, visto que internamente as representações objetais são conflituosas. Seus conteúdos são todos animais, determinados quase que exclusivamente pela forma e com um índice de banalidade alto, refletindo sua dificuldade em ser genuína.

No caso de Estela, houve uma resposta não tabulada, visto que foi referida no inquérito. Entretanto, remete a uma postura agressiva e que, qualitativamente, faz sentido no quadro geral do caso. Na nona prancha, na resposta “*Parece um veado e um papai Noel*”, no inquérito, a menina agrega a resposta “*Pedacinho de pau brigando com ele (Papai Noel com o veado) porque ele teimou com a mãe dele*”.

A situação traumática também pode alterar significativamente a forma como se processam as identificações. Entretanto, há de ser ressaltado que não há como afirmar se a forma como Estela tem organizadas suas identificações é em virtude do trauma decorrente do abuso sexual. O que se pode afirmar é que um trauma, assim como suas implicações, pode ter repercussões extremamente severas em se tratando de organização de personalidade. Existe uma grande parte de conteúdo não simbolizável, conseqüentemente desorganizador para um ego ainda em formação, como no caso de crianças. Dessa maneira, fica fácil perceber a abrangência que um evento traumático pode tomar na vida de um sujeito, como o abuso sexual na infância ou adolescência, por exemplo (Bergeret, 1998).

Na sua história pessoal, no discurso da menina, existem incoerências próprias de quem tenta se apropriar de algo que não lhe pertence de fato. Nessa pouca efetividade que possui para lidar com eventos angustiantes, constatou-se que há pouco movimento interno, ou seja, baixa capacidade de elaboração, visto que Estela funciona como um espelho, refletindo os afetos de volta para o ambiente. Esse dado pode ser entendido a partir da estrutura apontada pelo Rorschach, embora tenha se apresentado nas Horas de Jogo. Contudo, nessa última, o sentimento contratransferencial era de que não havia um sentimento compatível com a fala da menina, ou seja, parecia uma fala esvaziada. Nesse contexto, há a produção de sintomas como uma forma de manter essa estrutura compensada, como, por exemplo, a ansiedade generalizada, enurese e diarreias sofridas por ela.

A dinâmica da criança aponta para uma forte área de conflito em relação a questões da sexualidade, dificuldades com a figura de autoridade, egocentrismo e resistência em se colocar de forma autêntica, além de uma aparente maturidade sexual expressa no desejo de namorar, crescer e na forma de se vestir, etc. Em termos de referências de masculino e feminino, há um indicativo de confusão apresentado no HTP e no Rorschach. No primeiro, as figuras são, de forma geral, estereotipadas e diferem-se pelo cabelo exclusivamente. Já no segundo, há uma clara dificuldade interna na representação do humano, logo, do feminino e do masculino, expressada pela ausência dessas referências em todo o teste. Isso parece contraditório com a postura que Estela adota: uma imagem extremamente feminina, vaidosa, sedutora e madura para sua idade. Entretanto, faz sentido quando entendemos o funcionamento da menina, caracterizado pela superficialidade aliada à postura de atender ao que é esperado socialmente dela (isso se ratifica pelo número de respostas banais).

Logo, no processo de identificação, fica clara a dificuldade de Estela em buscar as referências humanas para si, o que pode ser função de sua estrutura, articulada com a situação traumática. Pode-se supor baseando-se pelos dados objetivos e pela inferência, que Estela psiquicamente se identifica com o agressor, além dos claros sentimentos ambivalentes que nutre por ele. Seu funcionamento indica oscilar entre algo do histérico e do *borderline*. Sua postura, sua linguagem, seus ganhos secundários e sentimentos ambivalentes denunciam um caminho estrutural perverso – limítrofe – o qual começou a ser organizado no tempo em que ocupava o espaço concreto de rivalidade com a figura materna.

Caso 2

Lauren, 13 anos

Histórico Pessoal

Lauren era uma menina com 13 anos recém feitos. No momento, cursava a quinta série do Ensino Fundamental. A menina foi conduzida até o serviço em virtude de uma hipótese de abuso sexual levantada por sua mãe ao Conselho Tutelar. Lauren apresentava uma leve deficiência auditiva, a qual possivelmente seria genética.

A denúncia refletia uma trajetória familiar de situações de abuso sexual. A mãe, Maria, relatou ter sido abusada pelo pai desde muito jovem, sendo que, aos 16 anos, nascia Lauren. Maria acreditava que sua filha fosse fruto dos abusos cometidos pelo pai. Em função disso, estava em andamento um exame de DNA para averiguação dessa possibilidade.

Assim que Lauren nasceu, a mãe relatou ter ficado na casa dos pais por mais um ano e meio aproximadamente. Após esse período, decidiu ir embora. Nesse momento, já se encontrava grávida pela segunda vez. Em relação a essa segunda gestação, aparentemente não apresentava dúvidas consistentes sobre a paternidade, pois atribuiu ao atual esposo. Entretanto, isso não era algo claro no seu relato.

É importante ressaltar que Maria, na primeira entrevista, apresentava-se confusa e oferecia pouquíssimos dados a respeito da filha e da própria história. Alegou que fora “encostada” devido ao que chamou de “depressão cerebral” e que, assim, ficara confusa e sem a capacidade de narrar os acontecimentos com exatidão.

Com a saída de Maria de casa, sua filha Lauren passa, então, a ser criada pelos avôs. Embora relate ter solicitado a guarda da menina anteriormente, o Conselho Tutelar não a concedeu em função de não possuir residência, etc. Finalmente, em dezembro de 2008, a mãe conseguiu a guarda da menina em função de ter levantado a possibilidade de a filha estar sofrendo abuso sexual por parte do avô, visto que ela mesma também havia sofrido.

Lauren, segundo a mãe, foi encontrada em péssimo estado de higiene e dormia no que foi descrito como um “ninho”. A menina apresentava um quadro de enurese até o momento que foi morar com Maria. Lauren não recordava quando menstruou pela primeira vez. Segundo a menina, nunca namorou e só irá daqui a 15 ou 19 anos. Foi constatado, através de exame médico, que ela já havia tido relações sexuais.

Lauren era uma adolescente grande, robusta, mas com um ar infantil. Sua deficiência auditiva não se constituiu como um empecilho, visto que a menina se comunicava bem e entendia tudo que lhe era perguntado, contanto que não fosse sobre a situação de violência. Neste sentido, Lauren não fez a revelação do abuso, somente chorava e aparentemente sua deficiência “aumentava” quando se tocava no assunto, indicando que a menina triava o que desejava ouvir e dar atenção. Segundo o que foi relatado à assistente social do serviço, os abusos ocorriam com frequência no sítio onde moravam. Lauren trabalhava com os avós na “roça” e havia um local que descrevem como “um mato” perto da casa, onde o avô mantinha relações sexuais com ela.

Com relação ao seu desenvolvimento, não foi possível obter maiores informações, devido ao fato de a menina ter ido morar recentemente com a mãe. Os avós se mantêm afastados da família, inclusive o avô se encontra preso.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado por ambas de maneira tranqüila e consciente.

Relatos das Sessões – Hora de Jogo Diagnóstica

Primeira Sessão: 19 de março de 2009.

Na primeira sessão, Lauren entrou tranqüilamente na sala e sentou-se com a profissional. Foi-lhe explicado como seria o processo de avaliação e dados exemplos do que poderia utilizar para se expressar: brincar, desenhar ou falar. Lauren optou por desenhar. Já sentada na mesinha, começou a desenhar a casa dela e sua família. Durante o desenho utilizou régua o tempo todo, demonstrando uma forma rígida de desenhar. Representou no desenho a si própria, a irmã e a mãe em um plano, o padrasto em outro, abaixo. A figura da irmã era

maior que todas as outras e bem desenhada. Todo o desenho foi bem estruturado, repleto de detalhes, indicando uma postura obsessiva e uma clara valorização da figura da irmã.

Durante a sessão, as falas fluíram tranquilamente e Lauren conseguiu relaxar no seu decorrer, ouvindo tudo o que lhe era perguntado, sem apresentar dificuldades que impusessem distorção do que lhe era dito. Falou superficialmente sobre seu passado, remetendo que sentia saudade algumas vezes “lá de fora” – local onde morava com os avôs – dizendo que não sabia se era melhor morar com a mãe ou melhor com os avós. Relatou que no sítio brincava com os tios, jogando bola, bocha, bolita, *stop* e que na cidade brincava com crianças, corria, jogava bola e também brincava com a irmã de “luta”. Ao descrever o momento atual de sua vida, demonstrou maior prazer do que quando falava do momento vivido anteriormente, embora isso não tenha sido admitido claramente.

A menina comentou que gosta muito de brincar de *stop*. Ao ser lhe colocado que se quisesse brincar de *stop*, era possível, só que não seria possível brincar de correr, porque não havia espaço, ela riu. Contou que não sabia jogar, mas que, observando o tio, aprendeu. Relatou espontaneamente que a avó decidiu vender as terras. Quando lhe foi perguntado como sabia disso, respondeu que a avó havia lhe falado. Na verdade, a avó escrevera uma carta para a mãe de Lauren e para as netas, por isso sabia. Quando foram perguntados mais detalhes sobre a carta, disse não ter lido propriamente, mas sim que a irmã havia lido e ela ouviu.

Comentou, também, que na próxima sessão traria umas fotos suas “lá fora” para eu ver. Isso poderia ser entendido como um ponto de aproximação e rompimento das resistências apresentadas em nosso primeiro contato.

Lauren relatou sua rotina dizendo que, ao acordar, ia ao banheiro, fazia chimarrão, varria o pátio, limpava a casa e ia ao colégio. Contudo, nesse dia, não havia ido à escola, comentando que gosta de lá. Sua fala era organizada, coerente, além do seu desenho ser rico e composto por diferentes elementos – casa, cachorro, pessoas, árvore – conseguindo inserir itens que não pertenciam a realidade, como flores, por exemplo. Desenhou uma bicicleta, dizendo que tanto a mãe como o padrasto possuem uma e que, um dia, terá uma também. Comentou também que estava guardando dinheiro, que tinha R\$ 0,05 em um cachorro-cofre (explica o que era, porque em um primeiro momento não havia sido compreendido do que se tratava) e que, se juntar R\$20,00, compraria material. Foi-lhe questionado que tipo de material com a finalidade de investigar seu repertório e sua capacidade de compreensão. Ela encarou a

profissional como se não entendesse e afirma que era material escolar. Quando lhe foi dito que a pergunta fora feita porque há outros tipos, como material de construção, ela riu, certamente achando boba a profissional. Continuava sua fala dizendo que comprará lápis, caneta, caderno e, se conseguir R\$ 50,00, compraria tudo, inclusive mochila, embora tivesse uma que não goste muito. Queria a da *Hello Kitty*. Toda essa fala se desenrolou durante o desenho que fazia.

A sessão acaba, ela se surpreendeu que o tempo já havia se encerrado. Foi marcada a próxima sessão para a próxima semana. A mãe lá em baixo interpelou a profissional querendo, insistentemente, saber se ela havia falado algo sobre o abuso. Buscou-se acalmar a mãe, dizendo que o trabalho está sendo feito e pedindo que seja avisado quando o exame de DNA ficar pronto.

Segunda Sessão: 26 de março de 2009.

Desmarcaram a sessão devido a Lauren ter conseguido consulta médica para encaminhar o aparelho auditivo.

Terceira Sessão: 02 de abril de 2009.

Aplicação do HTP. A aplicação desse instrumento transcorreu tranquilamente. Lauren aceitou sem resistência fazer os desenhos, usando todo o tempo disponível para tal. Sua avaliação ficou marcada pela obsessividade demonstrada pelos detalhes. O único momento em que a menina demonstra irritação com o procedimento foi no inquérito, no qual respondia ora rapidamente, ora com lentidão, expressando seu desgosto através da expressão facial.

Quarta Sessão: 16 de abril de 2009.

Não compareceu.

Quinta Sessão 23 de abril de 2009.

Lauren chegou com sua mãe, como de costume, e subimos para a sala de ludoterapia. A idéia desse encontro era a aplicação do Rorschach. Entretanto, como a menina chegou um pouco atrasada não foi possível realizar a aplicação (devido ao tempo destinado a sua sessão e ao tempo necessário para o teste). Já na sala, a profissional e a menina se sentaram e conversaram brevemente sobre a situação dela. Foi-lhe exposto a necessidade dela poder estar contando algo sobre a experiência vivida para que, assim, fosse possível ajudá-la.

Foi-lhe perguntado o que se recordava da época em que vivia com seus avôs. Lauren relatou alguns fatos, com a cabeça deitada sobre os braços cruzados em cima da mesa. Lembrava que a avó a agredia fisicamente com uma mangueira quando não fazia algo relativo às tarefas domésticas. A profissional colocou-se no mesmo plano da menina, cruzando os braços e deitando a cabeça sobre eles, de forma a ficar com os olhos no nível dos da paciente.

Apesar de ficar nitidamente triste, pela primeira vez falou sobre as más lembranças. Sobre o avô, pouco falou durante todas as sessões. Foi trazido, então, o material anotado em sua ficha pela assistente social, à qual relatou a violência sexual ocorrida. Perguntou-se se era verdade que o avô teria “tocado” nela, ao que Lauren, com um aceno de cabeça, respondeu que sim. Outra pergunta se seguiu: “O que ele fazia?” Não foram mais dadas respostas.

Psicóloga: E o que você pensava quando essas coisas aconteciam?

Lauren: Que era errado...

Não falou mais sobre o assunto.

Passaram-se alguns minutos e foi colocada à disposição de Lauren a sala. Ela levantou-se e disse querer jogar, dirigindo-se à estante. A estante de brinquedos da sala não oferecia muitas possibilidades em termos de jogos, ainda mais apropriados à idade de Lauren. Entretanto, a menina pegou um quebra-cabeça para a idade de 2 a 3 anos e trouxe para a mesa, desmontando-o e montando-o. Eram peças grandes, basicamente duas por figura, um telefone, um tênis, um hambúrguer, uma casa, etc. Comentou as imagens de maneira bem superficial. Guardou-os e se deteve a brincar com outro jogo de montar. Contudo, nesse momento, eram peças plásticas, indicadas para crianças da faixa etária de 3 anos. A possibilidade de montagem dos blocos eram poucas, resumia-se basicamente a uma casa grande, visto que as peças são grandes também. Entretanto, Lauren ficou o resto da sessão tentando montar, sem sucesso. Comentou que sua casa ficará feia, que não conseguia. Fez

outros comentários quando não consegue, tais como: “Opa, sopa!”, além de algumas frases prontas que tirou de um programa de televisão chamado Zorra Total. Perguntou à profissional se ela via esse programa, o que lhe é respondido que não. Lauren olhou com ar de indignação. A personagem a quem Lauren faz referência é uma figura feminina que conquistou algumas coisas na vida através de envolvimento com um homem muito mais velho que ela e de quem recebe dinheiro.

No decorrer da brincadeira, finge atender um telefone, foi-lhe perguntado quem era.

Lauren: Minha mãe!

Psicóloga: E o que ela queria lhe dizer?

Lauren: Nada, era só um “toque”!

Continuou tentando montar a casa, em seguida um caminho que levava a casa.

O tempo da sessão acabou. Lauren foi encaminhada para a saída e realizam-se as combinações para a próxima sessão.

Sexta Sessão 30 de abril de 2009

Aplicação do Rorschach. Esse instrumento exigiu bastante de Lauren, a qual se mostrou irritada na maior parte da aplicação, expressando exclamações verbais e incitando a examinadora a apressar-se. Houve necessidade de repassar o teste, Lauren fica ainda mais incomodada com isso, dando respostas rápidas, revirando os olhos e praguejando.

Sétima Sessão 07 de maio de 2009

Lauren chegou com a mãe para a última sessão. Já na sala, a profissional fez algumas considerações sobre sua avaliação e seu possível encaminhamento. A menina mostrou-se muito contrariada quando é pontuada a necessidade de ela continuar frequentando o serviço, dizendo que não queria. Contudo, é compreensível sua postura, visto que ela não gostava de falar sobre o que lhe aconteceu, e o serviço era justamente para isso. No entanto, seria importante para ela, sendo que haveria benefícios pessoais no decorrer do tratamento.

A sessão consistiu basicamente na devolução para Lauren da sua avaliação e das perspectivas após o término desse processo. Após as considerações, a menina quis ler alguns livros infantis que estavam sobre a mesa. Pegou um a um e os leu. Os livros continham historinhas curtas e rápidas de serem lidas. Lauren os leu em voz alta, denotando uma boa capacidade de leitura. Havia vários, sobre animais músicos, Pequeno Polegar, Rapunzel, Patinho Feio, entre outros. Ao término de toda a leitura, a qual fez sentada sem me requisitar, perguntei qual deles ela mais havia gostado. A pré-adolescente apontou o livro do Patinho Feio. Creio que essa preferência fale de modo metafórico da sua vida.

Após, decidiu desenhar. Sentou-se à mesa e iniciou o desenho de uma casa com quintal. O desenho seguiu o padrão do HTP, rígido e com detalhes em excesso. Quando a sessão acabou, a profissional sinalizou para ela, que sorriu e pareceu aliviada. Terminou o desenho que não estava finalizado. Ficou mais um ou dois minutos com o desenho e o entregou.

Saímos e combinei com a mãe de Lauren a devolução.

Entrevista Devolutiva 08 de maio de 2009

Na entrevista de devolução, Maria se mostrou interessada na possibilidade de a filha dar continuidade ao tratamento, visto que a menina é muito fechada, com isso, “nervosa”. Foi pontuada a necessidade do tratamento, os benefícios que a menina teria e foi confirmado que existem fortes indicativos de que houve o abuso sexual. A mãe trouxe novamente sua história de abuso com o avô, comentando do processo que tramita e do teste de DNA, que ainda não havia sido divulgado.

Quanto ao desenvolvimento da menina ou outros dados que poderiam ser importantes, a mãe disse não se lembrar de mais nada. Quando foi falado sobre a resistência da menina quanto ao serviço, Maria confirmou, dizendo que ela não gostava de ir. Contudo, concordou com o fato dela precisar. Encerrou-se a entrevista com a combinação do encaminhamento da menina.

Dados da avaliação

A avaliação se estendeu por mais de um mês, visto as sessões que a menina não compareceu. O número total de sessões foi de cinco sessões, mais uma para a devolução à mãe. Algumas das justificativas da mãe para as ausências variavam entre não poder levar a menina, atendimento médico ou ainda a escola que certa semana não a liberou.

Durantes as sessões de avaliação, foram utilizados diversos recursos técnicos, como a Hora de Jogo Diagnóstica, o HTP e o teste do Rorschach, além de entrevista com a mãe da pré-adolescente. Inicialmente, apresentam-se as avaliações de cada instrumento aplicado, seguido da integração dos resultados do caso.

1. Teste Rorschach.

Segundo a avaliação realizada pelo instrumento Rorschach, através dos aportes de Anzieu (1986) e Traubenberg (1998), foi possível estabelecer-se uma compreensão estrutural da personalidade do sujeito a partir das dez pranchas do teste. Abaixo, na Tabela 2, apresenta-se a síntese das principais características do protocolo de respostas.

O tempo total do protocolo de Lauren foi de 538 segundos.

Tabela 2 – Cotação Rorschach / Lauren

Prancha	TR	Localização	Determinante			Conteúdo
			Movimento	Profundidade	Forma Cor	
I	57"	D		F+	Hd	BAN
		Dd		F	Hd	
		Dd		F	Hd	
II	3"	D		F+	Anat	BAN
		D		F	A	BAN
III	7"	D		F+	H	BAN
		D		F+	Obj	BAN
		D		F+	H	BAN
IV	34"	G		F	H	
V	5"	G		F+	A	BAN
VI	28"	Rejeitada				
VII	20"	D		F	A	
VIII	14"	D		F+	A	BAN
		Dd		F	A	
IX	28"	Rejeitada				
X	13"	Dd		F	A	
		D		F	A	BAN
		Dd		F	A	

Lauren é uma menina que apresenta dificuldades escolares e isso ratifica a forma como ela apreende a realidade, sendo esta realizada através do detalhe (D=9, 56,25%; Dd=5, 31,25%). Esta característica aponta para uma dificuldade de organização prática dessa realidade. Sua apreensão total é baixa (G=2, 12,5%), logo sua capacidade de integração se encontra prejudicada.

Na análise de F+ (=50%), Lauren se encontra abaixo do que é esperado para sua idade. Há uma significativa perda de eficiência na execução da tarefa, ou seja, ainda que a tarefa seja executada, não há aproveitamento desta, o que pode indicar uma dificuldade de elaboração das situações experienciadas. Já na categoria de F%, o valor foi equivalente a 100%, índice elevadíssimo, que pode apontar para uma tentativa de controle afetivo eficaz da menina.

As respostas banais (Ban) apresentam-se elevadas (56%), indicando que Lauren já conhece o que deve ser dito e com isso possui um repertório de respostas comuns e prontas. Isto é, simplesmente atende à expectativa social ou do ambiente. Com isso, seu posicionamento frente à realidade torna-se precário e defensivo, visto que, ao estar assentada na norma, não se coloca de maneira espontânea e autêntica frente às situações, não expondo, com isso, suas particularidades.

A respeito das identificações, o conteúdo animal (A% = 56%) aparece alto, indicando pobreza de figuras humanas internalizadas de maneira satisfatória. Levando em consideração que Lauren possui 13 anos, esse número deveria ser menor. Contudo, ela ainda possui recursos em termos de identificação, visto que o conteúdo humano aparece alto também (= 37%). Esses números levam a pensar que a menina estruturalmente se sustenta, contudo, não funcionalmente, indicando que, de fato, houve em sua vida uma situação traumática que abalou essa dinâmica interna.

Analisando a fórmula da angústia ($HD + Anat + Sex + Sg + Frag / R \times 100$), Lauren apresenta um alto índice (Form. Angústia = 25%). Isto é, essa fórmula indica que há presença de conteúdos carregados de afetos, ainda que isso não esteja sendo suficiente, já que o Tipo de Ressonância Íntima (TRI) e a Fórmula das Tendências Latentes (TL) tiveram como resultado o número zero. Esse valor leva à denominação de *coartado*, ou seja, não há movimentação interna desse sujeito e isso pode se dever ao trauma sofrido, em que a dor foi tão grande, que gerou uma paralisação interna. Nesse caso, não há uma troca efetiva entre o mundo interno e

externo, ou seja, há uma circulação precária, impossibilitando, com isso, a integração e a operação de experiências.

Na terceira fórmula, $VII + IX + X / R \times 100$, o percentual é de 31%, apontando para uma forma ambigüal. Ou seja, há uma tentativa de se colocar, sem efetivamente desejar realizar o ato.

Em relação às pranchas, especificamente, houve rejeição de duas delas: a seis, referente à sexualidade, indicando conflito nessa área, e a oito, que se refere aos relacionamentos profundos, troca entre parceiros, conotando também aí uma área conflitiva. Isso mostra uma característica em acordo à situação vivenciada por Lauren.

Considerando o interesse deste projeto acerca da verificação da representação e escolha objetal em pré-adolescentes vítimas de abuso sexual, identificando aspectos da reedição edípica e da organização psíquica estruturante das vítimas, uma análise mais aprofundada destas pranchas é fundamental. As pranchas que apontam para figuras humanas, tais como a I, II, III e especificamente as pranchas IV (paterna) e VII (materna), no caso de Lauren, apresentaram os seguintes resultados:

- **Prancha I:** “Uma mão; uma orelha; um olho; só.” Na tabulação, encontra-se uma resposta D, outras duas Dd, todas com determinante de Forma, sendo somente a primeira positiva e banal, e com conteúdos de parte de humano.

- **Prancha II:** “O que será? Aqui, tipo um coração. Parece um coelho aqui e uma coelha. Só. Só o que eu vejo.” Nessa prancha, através da tabulação, encontra-se respostas de detalhe (D), com determinante forma (positivo na primeira), com conteúdo de anatomia e animal, respectivamente, e ambas banais.

- **Prancha IV:** “Tipo um homem. Só”. Há uma resposta global (G), com determinante de forma e conteúdo humano (H), o que não é comum para essa prancha.

- **Prancha VII:** “Parece esquilo e uma borboleta. E uma esquila que é a fêmea.” As respostas nessa prancha são cotadas como duas, visto que o esquilo e a esquila são a mesma imagem invertida, logo são de detalhe (D), ambas com determinante forma (a borboleta forma positiva) e conteúdo animal.

Verifica-se que, nessas pranchas, que os conteúdos foram pobres, com uma única resposta global, baixo conteúdo humano, sendo que, quando este aparece (prancha IV), não era o esperado para aquela prancha, ou seja, a prancha deveria evocar no sujeito uma figura de masculina de autoridade.

2. Teste do HTP:

Segundo as diretrizes para a interpretação do HTP, a qual é dividida em Características Gerais do Desenho e Características do Desenho Específicas da Figura – Casa, Árvore e Pessoa, os desenhos de Lauren tenderam a se localizar mais à esquerda da folha, especialmente o desenho da casa. Esta característica reflete um comportamento compulsivo, uma busca de satisfação emocional imediata e direta de suas necessidades. Em termos de tempo, o sujeito encontra-se preocupado com o passado e particularmente interessado em si mesmo.

A relação dos desenhos com o observador localiza-se ora abaixo, ora acima. No desenho da casa, a mesma se encontra longe e abaixo do observador, já a árvore se encontra acima. Todos os desenhos mostram detalhes em excesso, podendo estar indicando certa ansiedade flutuante na área simbolizada pelo detalhe. No caso de Lauren, os detalhes são muitos. No desenho da Casa, por exemplo, existem nuvens, pássaro, sol, árvore e arbustos; no desenho da Árvore, há uma figura humana junto à árvore, um arbusto grande, nuvens, animais e sol; e, na figura Humana, também constam nuvens, flores, arbustos, pássaro e sol.

No desenho da Casa, a impressão geral é de um desenho obsessivo, o qual usa a margem esquerda da folha como término (ou continuidade), indicando sentimentos de insegurança generalizada. A perspectiva da casa é representada por dois lados, frente e uma lateral, ou seja, a posição é de perfil parcial. Há um telhado todo quadriculado, fazendo referência a telhas, uma chaminé expelindo fumaça para ambos os lados, duas pequenas janelas expondo flores, além de duas portas com caminhos, sendo que a da frente possui um caminho em formato de ziguezague, e a outra, ao lado da casa, possui um caminho reto feito de tijolos. O excesso de detalhes do desenho denota obsessividade e ansiedade. Já no quesito de detalhes essenciais, todos se apresentam no desenho. Há presença de uma chaminé produtora de fumaça, indicando preocupações sexuais. Quanto às portas, são duas, levando-se a crer que há preocupação com esse ponto. Ambas possuem fechadura e caminhos, podendo

indicar uma postura defensiva. Nas janelas, também há ênfase com detalhes não essenciais, como cortinas e flores. Além disso, elas encontram-se abertas, denotando um fraco controle do ego.

No inquérito, a menina comenta que, enquanto desenhava, pensava em sua própria casa e nos enfeites que necessitava fazer. Quando lhe foi pedido que indicasse os cômodos preferidos, indica a cozinha e o quarto, justificando que neles se pode dormir e cozinhar (necessidades básicas). A casa está longe, abaixo e, ao contrário das demais, não é entendida como um lugar feliz e amigável, visto que, segundo sua visão do desenho, não há ninguém dentro dela.

O desenho da *Árvore* representa as associações mais inconscientes em relação aos outros desenhos, sendo uma representação da experiência de equilíbrio sentido pelo sujeito, além da visão de seus recursos de personalidade para a obtenção de satisfação do ambiente. O tamanho é adequado e proporcional, estando levemente colocada para o lado esquerdo da folha, ocupando, em sua maior parte, o primeiro e o terceiro quadrantes. Encontra-se de frente, possui linha de solo – necessidade de segurança e ansiedade – com vários detalhes em torno dela – obsessividade compulsiva -, com uma copa em formato de nuvem, remetendo a um estado de fantasia, e repleta de frutos, indicando sentimentos de dependência. O tronco tem uma base mais larga que o topo, que se encontra fechado, e, sendo a árvore frutífera, infere-se uma postura de dependência e imaturidade.

Ao lado da árvore, encontra-se um sujeito com uma cesta e uma vara para colher os frutos. O sujeito desenhado possui longo pescoço e indica ser uma menina. No desenho, também consta um caminho de pedras que leva até a árvore. Durante o desenho, Lauren fez comentários sobre o uso da borracha e formulou a seguinte frase “Que árvore feia!” (*sic*). No inquérito, descreveu a árvore como estando no seu pátio, tendo 30 anos de idade e sendo do sexo feminino. Crê que a árvore esteja viva em virtude de seus frutos. Essa postura frente ao desenho da árvore ratifica os achados na avaliação do Rorschach, isto é, há certa integridade em Lauren, contudo, em termos de trocas interpessoais, há uma grande defasagem.

O desenho da *Pessoa* sugere associações mais conscientes e está vinculado à expressão da imagem corporal. A figura desenhada por Lauren é a irmã, cujo desenho encontra-se quase no centro da folha, contudo, ainda levemente mais à esquerda. Os braços encontram-se afastados do corpo e a menina leva na mão uma flor. As pernas encontram-se afastadas,

referindo uma postura mais agressiva, e os pés estão desenhados apontando para direções opostas, sugerindo sentimentos ambivalentes. Em relação aos detalhes essenciais, todos estão presentes, contudo a cabeça é grande e foi retocada (uso de borracha), os olhos são grandes e cuidadosamente desenhados, indicando sentimentos persecutórios; a boca também se caracteriza por ser grande e o nariz da figura possui formato triangular. A linha da cintura está marcada por um cinto, denotando conflito sexual, além de um pescoço longo, indicando a busca por controle. A figura está apoiada na linha do solo, inferindo-se necessidade de segurança e ansiedade. Todo o desenho possui detalhes em excesso, contudo, na própria figura humana existem muitos detalhes, tais como brinco, óculos, anel e uma flor, indicando, além da obsessividade já citada, uma conduta sexualizada.

No inquérito do desenho, embora Lauren tenha referido que o sujeito desenhado tenha sido a irmã mais nova, responde que, enquanto desenhava, estava pensando em uma amiga, a qual, segundo Lauren, encontra-se alegre e feliz, como a maioria das pessoas. Segundo a menina, o sujeito desenhado precisa de amigos, porque se encontra sozinha. Em relação ao sol, quando questionada sobre quem seria, responde que ele seria *Ruan*, um amigo seu.

Discussão

A história de Lauren é um caminho pontuado pela violência sexual, desde sua duvidosa concepção até seu momento atual de vida. Nascendo de uma cena incestuosa, a menina carrega em si a repetição da história materna: o abuso sexual realizado pela figura do avô.

Através da Hora de Jogo Diagnóstica, é possível levantar pontos importantes do funcionamento das crianças, visto que essa técnica é empregada no mesmo sentido que se utiliza a fala com o adulto (Efron *et al*, 2001). Existem, como já citados anteriormente, alguns indicadores que Efron *et al* (2001) sugere para análise na Hora de Jogo, tais como, escolha dos brinquedos e brincadeiras, modalidades de brincadeiras, personificação, motricidade, criatividade, capacidade simbólica, tolerância à frustração e adequação à realidade.

Segundo Efron *et al* (2001), a criatividade revela a plasticidade do ego e sua capacidade de abertura para novas experiências, tolerando a falta de estrutura do campo. No caso de Lauren, o seu brincar não demonstra muitos recursos criativos, o que pode ser percebido na escolha dos brinquedos - sempre foi direcionada a brinquedos de uma faixa etária inferior – e na forma como brinca.

Sua maneira de desenvolver a brincadeira tinha características de estereotipia (Efron *et al*, 2001), tal como quando repete falas de um personagem de um programa de humor, além da carga de identificação com o personagem, uma moça que se envolve com um senhor muito mais velho. Além disso, Lauren usou do desenho e da leitura nas sessões. Os desenhos livres, pontuados pela obsessividade encontrada também no HTP, revelam uma questão familiar interessante: a irmã é colocada numa posição de superioridade frente a todos, uma figura francamente destacada. Já o padrasto ocupa um lugar distanciado no mesmo desenho. Cabe citar que a irmã referida viveu com a mãe toda sua vida, ou seja, a mãe de Lauren levou consigo sua segunda filha, deixando Lauren aos cuidados dos avôs, um sabidamente abusador.

Na leitura dos livrinhos, o seu preferido foi a história do Patinho Feio. Não por acaso, essa historinha diz respeito, segundo Corso e Corso (2006), à busca empreendida pelo sujeito por um lugar que lhe seja próprio dentro da família. A fantasia empreendida nessa historinha, de acordo com os autores, tem a ver com a filiação e a dúvida que a mesma pode despertar

tanto nos pais, como nos filhos. Esta fantasia está apropriada para o caso de Lauren, visto que, no momento da pesquisa, encontra-se envolvida com um teste de DNA para comprovar ou não se é filha do avô.

Sua adequação à realidade aparentemente se encontra intacta, embora lide com ela de forma parcial, como será visto no Rorschach. Sua tolerância à frustração oscilava, ora adaptada, ora desadaptada, sendo isso demonstrado pela última Hora de Jogo e pela postura adotada no inquérito do Rorschach (na qual praguejou irritadamente).

Em relação ao teste do HTP, os tempos de latência do desenho da Casa e da Árvore foram dentro do esperado, ou seja, inferiores a trinta segundos. Já no desenho da Pessoa, o tempo foi de 49 segundos. Nos tempos totais, Lauren alcançou o limite de tempo esperado, sendo que, no desenho da casa, ultrapassou o esperado de 12 minutos, atingindo um tempo de 13'. Seus desenhos denotaram, de forma geral, obsessividade, refletindo ansiedade e busca por controle e conflito na área sexual – indicado na figura da casa e da pessoa. A figura humana, a qual remete a si mesma, está associada à irmã e a uma amiga, sendo que a última se caracteriza, segundo Lauren, por ser uma pessoa sozinha e que necessita de amigos, sentimento que possivelmente tenha experimentado durante sua vida.

Na avaliação do Rorschach, o protocolo produzido por Lauren indica que se trata de uma menina que certamente sofreu uma experiência traumática. Sua baixa capacidade de apreensão do todo, refletida no alto índice de respostas *D* e *Dd*, pode estar indicando uma tentativa da menina de lidar com uma realidade que não lhe foi acolhedora, ao contrário, foi hostil (a situação de abuso). Além disso, esse índice remete a um sujeito com dificuldades cognitivas, que exclui a subjetividade e, assim, utiliza-se basicamente das funções do ego, como atenção, linguagem, percepção, etc. É através das partes, dos pedaços (Ex.: olho, orelha, etc.) que consegue manter-se nas relações, sendo essa uma postura protetiva. Aliando a isso, a postura banal encontrada nas respostas faz com que diga o que se espera dela, postura essa de estereotípi.

Segundo Fontes, Scheffer e Kapezinski (2007), é esperado encontrar em crianças que sofreram abuso sexual características de personalidade tais como depressão, ansiedade, impulsividade, dificuldades de relacionamento, fragmentação do *self*, obsessividade, uso excessivo de fantasia, agressividade, dificuldade na sexualidade, entre outros. Em termos de conteúdo, de acordo com estudos que utilizaram o Rorschach, é esperado nessas situações

conteúdo predominantemente animal ou humano descaracterizado. Com Lauren isso pode se confirmar, devido à apresentação de posturas obsessivas – evidenciadas no HTP de forma clara – fragmentação do *self* no sentido de lidar com a realidade (expressa pelas respostas predominantemente de detalhe), e dificuldade em relação à questão da sexualidade. Os conteúdos animais foram predominantes, sendo que, quando fazia referência a humanos, era feita por partes, salvo à figura feminina, com a qual parece manter internamente certa integridade, demonstrada na prancha III.

Quanto à identidade, explorada na prancha V, há integridade da representação objetal. Pode-se inferir que, no caso de Lauren, há uma condição de fragmentação que não é estrutural, ou seja, foi devido a uma situação que se produziu respostas deterioradas, isto é, mais precárias e fragmentadas. Assim, como a questão da identidade encontra-se de certa forma preservada, diante do feminino há um controle afetivo eficaz, embora isso ocorra à custa de um olhar parcial, pelas partes (prancha VII).

As relações sociais, exploradas na prancha VIII, indicam que há também uma tentativa de controle afetivo devido a suas respostas estereotipadas. Nesse caso, quando Lauren começa a se colocar de fato, a desadaptação é evidenciada (isso também pode ser constatado na repassagem, na qual as respostas foram mais pobres e deterioradas). Nos relacionamentos profundos, a prancha IX indica ser uma área de conflito, assim como a área da sexualidade, prancha VI, ambas rejeitadas.

É importante apontar que, no momento do inquérito, Lauren se sentiu irritada com a tarefa, demonstrando dificuldade em responder a razão pela qual tinha visto o que descrevera para a profissional. É nesse momento que se propicia ao sujeito compreender o que produziu. Contudo, no inquérito, o ponto interessante, que vem a ratificar a forma de apreensão da menina, suas defesas, assim como a maneira de negociar com a realidade, foi sua percepção de que, dando um certo tipo de resposta, esta era aceita. Isto é, respondia que o que a havia feito ver o que descrevera anteriormente fora a forma ou o jeito da mancha, adotando essa resposta para todas as demais pranchas. Isso vem a confirmar sua postura estereotipada e defensiva. Falas de irritação e intimidação também apareceram, tais como quando ordenou que a profissional apressasse com a avaliação “Anda! Vai!” (*sic*).

Retomando o que Bergeret (1998) comenta sobre a situação traumática, sabe-se que ela pode alterar significativamente a forma como se processam as identificações e a

funcionalidade da estrutura. Há grande parte de conteúdo não simbolizável, logo, desorganizador. No caso de Lauren, há uma estrutura que tenta manter-se compensada, o que se deve ao fato de, internamente, não haver quase nenhuma movimentação interna, dado conforme apontado pelo Rorschach. Ou seja, pode-se inferir que a dor causada foi tanta que a imobilizou. Logo se está diante de uma menina marcada pelo abuso sexual que tenta sobreviver internamente a um evento que certamente mudou o curso de sua dinâmica e que, por hora, a mantém paralisada.

Lauren embora totalmente marcada pela violência sexual e com cotações do Rorschach muito próximas as de Estela, organizou-se de maneira diferenciada. Sua apreensão pelo pequeno detalhe é uma organização defensiva que caracteriza sua obsessividade, também expressa no HTP, como uma forma de manter-se compensada. Se Estela demonstra uma não integração dos afetos e com isso apreende a realidade pelo detalhe, Lauren indica ser mais integrada psiquicamente, contudo sua personalidade se encontra abalada pela questão traumática que se instalou aparentemente muito cedo em sua vida. No segundo caso, entretanto, houve um resgate positivo realizado pela figura feminina da mãe, algo que pode, possivelmente, ter sido uma experiência re-organizadora.

Considerações Finais

Artigo Teórico

Artigo Empírico

Considerações Finais

O objetivo central deste trabalho foi compreender profundamente e interpretar as características das representações objetais em pré-adolescentes encaminhadas por suspeita de violência sexual, através da avaliação psicológica de dois casos, Estela e Lauren. Identificaram-se aspectos centrais ao desenvolvimento psicológico das meninas, destacando-se o impacto desta vivência traumática na dinâmica psíquica. Dessa forma, foi possível constatar a precariedade das figuras parentais internalizadas por esses sujeitos, assim como uma clara dificuldade na identificação com essas figuras. Também foram identificados conteúdos ansiogênicos e empobrecimento da capacidade para manter relações interpessoais.

Antes da análise específica dos processos psíquicos identificados nos casos investigados, é importante refletir sobre a avaliação de casos suspeitos de vitimização por abuso sexual. A avaliação de vítimas de abuso sexual exige uma postura de extremo cuidado por parte do profissional, além da sensibilidade que deve guiar todas as etapas da avaliação. As vítimas, muitas vezes, são crianças ainda, confusas com seu próprio amadurecimento físico e psiquicamente fragilizadas. Neste sentido, autores como Furniss (1993) já citavam o preparo que as equipes necessitam ter no manejo com esses casos. Situações que envolvem abuso sexual são consensualmente complexas e, muitas vezes, é difícil de ser comprovada a vitimização. Nesse contexto, a avaliação psicológica assume um papel fundamental, embora ainda seja alvo de extensas discussões. Entretanto, para Güntert (2001), os métodos projetivos são privilegiados quando se busca explorar aspectos dinâmicos da personalidade de um sujeito, devido ao seu caráter interpretativo e compreensivo.

O caso de Estela (10 anos) refere-se a uma menina com uma dinâmica de personalidade frágil e com poucos recursos egóicos. Encaminhada por suspeita de abuso sexual por parte do pai, a menina mostrou-se ambivalente em relação aos sentimentos que possuía pelo genitor, ora amando-o, ora odiando-o. De qualquer forma, sua avaliação apontou para um empobrecimento na capacidade de se colocar subjetivamente nas relações de forma autêntica e um alto conteúdo ansiogênico.

A menina apresentava dificuldades escolares, chegando ao serviço de atendimento a vítimas com uma série de sintomas fisiológicos e psicológicos, tais como enurese, dores abdominais severas, ansiedade, dentre outros. Naquele momento, Estela morava com a mãe, a

irmã mais velha e a avó materna, sendo esta última figura entendida pela menina como sendo de autoridade.

O caso de Lauren (13 anos) pode ser entendido como um exemplo típico de um sujeito o qual vivenciou uma situação traumática que está repercutindo na sua organização, a qual busca manter compensada. Esse funcionamento organiza-se de forma a manter um foco reduzido da realidade, apresentando dificuldades na troca íntima e sexual (relacionamento com parceiros) assim como revelando a presença de características obsessivas e ansiosas. A menina, cuja paternidade está sob investigação devido à possibilidade de Lauren ser filha do avô, foi criada pelos avôs maternos, visto que a mãe fugiu de casa antes de Lauren completar dois anos de idade. Após mais ou menos dez anos, a mãe requereu a guarda da menina, alegando que o avô possivelmente repetisse com a filha o que fez com ela. Para Lauren, talvez se possa pensar ainda que, em algum momento da sua vida, foi possível fazer uma retomada subjetiva importante de seu desenvolvimento psíquico no momento em que sua mãe a retira da convivência dos avôs, levando-a a morar consigo. Este movimento pode ser um elemento importante para a compreensão da integridade que mantém da figura feminina. Segundo Lauren, sua vida hoje é muito diferente da que levava quando morava com seus avôs, e, de acordo com sua fala, morar com sua mãe parece estar sendo gratificante.

Ainda assim, todas as perspectivas sobre as conseqüências das experiências traumáticas no desenvolvimento do aparelho psíquico apontam o dano causado à capacidade de representar ou simbolizar que as vivências angustiantes provocam. Neste sentido, Prado e Feres (2005) destacam o estrago produzido na capacidade de simbolizar e transformar, processos que irão constituir zonas mortas do psiquismo. Ou, como apontam Albornoz e Nunes (2004), as marcas traumáticas implicarão na destruição completa ou parcial do aparelho psíquico e do sentido de identidade pessoal, impedindo o desenvolvimento emocional.

Ao nível do funcionamento, portanto, a incapacidade de contenção afetiva, o significado e a estruturação da experiência colocam a criança numa organização caótica a qual, por sua vez, ocasiona vivências de isolamento pessoal e sintomas de ansiedade e pânico. Estas experiências dissociativas não se limitam ao isolamento da memória do abuso, mas também atingem aspectos do *self*. Resta, então, à criança uma forma elaborada de funcionamento que consiste em isolar as experiências intrusivas, dissociando-as de outras vivências psíquicas. Funcionamento este que constitui a base para o um possível

desenvolvimento de personalidade borderline, situação caracterizada pela alta modulação afetiva, ansiedade difusa, dificuldades relacionais, depressão e/ou agressividade (Davies & Frawley, 1994).

A experiência traumática do abuso sexual associa-se, portanto, a dificuldades graves nas relações primárias ou vinculares, às experiências concretas de vivências altamente ansiogênicas, ao estabelecimento de um funcionamento psíquico desorganizado, resultando em falhas estruturais importantes no aparelho psíquico. Guiter (2000) assinala que crianças vítimas de experiências incestuosas lidam internamente com sentimentos de onipotência e, ao mesmo tempo, sentimentos de ódio, raiva e ambivalência que geram um funcionamento psíquico marcado pelo temor da ameaça constante à estrutura psíquica (borderline/limítrofe), entraves importantes para o desenvolvimento psíquico.

Essa ruptura de desenvolvimento se daria em virtude de um acontecimento externo grave que excederia a capacidade egóica da criança de dar conta, ou seja, ocorre uma falha ambiental. O caso dos limítrofes é clássico e ilustra com perfeição o enlace do trauma e do Complexo de Édipo (Bergeret, 1998, 2006). Até mesmo porque o trauma ocorreria em um primeiro momento da fase edípica, sem possibilitar a formação completa e sustentadora do superego e ideal de ego, ou seja, estar-se-ia falando de um futuro adulto com sérias restrições egóicas e uma personalidade instável.

Este aspecto do funcionamento psíquico associado à incapacidade elaborativa do conflito edípico é crucial para o desenvolvimento da menina vítima de abuso sexual. É no Complexo de Édipo que se observa o desenvolvimento de efusivas e apaixonadas disputas, quando a criança rivaliza com o genitor do mesmo sexo, ao mesmo tempo em que transfere desejos amorosos e hostis de forma intensa para ambos os genitores, situação que estabelece uma tríade de relações importantes para o seu desenvolvimento psicológico. É na superação das questões edípicas que existe a possibilidade de integrar o psiquismo de maneira organizada e, assim, acessar uma sexualidade genital de forma satisfatória.

Finalmente, pensa-se que a questão edípica de ambos os casos não se organizou plenamente, como foi demonstrado pelas avaliações utilizadas. As identificações são de cunho mais primitivo e a relação estabelecida com as figuras ora são agressivas, ora negadas defensivamente, além, claro, da questão da sexualidade confusa ou também negada. Uma contribuição importante desse dado, que se mostra absolutamente coerente com a teoria

revisada, é que um sujeito em desenvolvimento que não alcança com êxito a fase edípica pode, com grande probabilidade, ser jogado para dentro de uma organização limítrofe. Essas meninas, embora estejam até certo ponto adaptadas dentro do seu cotidiano, demonstram que essa compensação lhes exige diariamente um esforço psíquico grande. Contudo, cabe ainda ressaltar que se trata de meninas entre a pré-adolescência e o início dela, ou seja, sujeitos que comportam potencial para alcançar uma estrutura mais organizada e estável, ainda que notadamente isso não vá ocorrer espontaneamente. Volta-se, finalmente, para a importância de um atendimento profissional especializado e comprometido com essas vítimas, além de uma rede de apoio satisfatória.

Desta forma, considerando que ao período edípico corresponde transformações importantes da capacidade representativa do objeto através da integração dos componentes agressivos e amorosos dirigidos principalmente às figuras parentais em função da rivalidade própria do período, conclui-se que a cisão ou a impossibilidade de identificação com estas imagens são os empecilhos fundamentais do desenvolvimento. Através desta integração, a representação parental incorporada ao próprio ego da criança permite uma expansão importante da capacidade infantil de reconhecer tanto as próprias necessidades afetivas como as do objeto. Esta expansão também implica no maior reconhecimento de diferenças e semelhanças nos estados afetivos e regulação emocional frente aos impulsos.

Em suma, todo o processo acima descrito é prejudicado no caso do abuso sexual. Ainda que cada caso avaliado tenha sua especificidade, há em comum a invasão das fronteiras de diferenciação de si e do outro, os impulsos amorosos e hostis não são integrados e conseqüentemente gerando dificuldades na solução da conflitiva edípica. Estes achados corroboram o que Yin (2005) aponta como um ponto forte da pesquisa qualitativa do tipo Estudo de Casos Múltiplos, que permite a identificação de similaridades entre os casos e uma maior compreensão do fenômeno estudado.

Em relação a dificuldades encontradas no decorrer da pesquisa, pode-se dizer que foram inúmeras. Dentre elas, percebeu-se que trabalhar e pesquisar na área que envolve violência sexual infantil acaba por demandar dos sujeitos envolvidos muita ansiedade, sendo isso demonstrado através das constantes faltas aos atendimentos ou até mesmo a desistência, o que acaba por dificultar todo o processo. Além disso, a própria pesquisa encontrou certas limitações importantes de serem ressaltadas: a utilização de um instrumento complexo como o Rorschach exige prática e supervisão constante, desafiando o pesquisador ao conhecimento e

manuseio do teste; o prazo para levantar os casos que se adequassem a pesquisa também se mostrou como sendo um desafio, e por último, a questão da pesquisa em psicanálise e os métodos projetivos, articulação que se constata ser possível, mas ao mesmo tempo delicada e repleta de meandros teóricos.

Finalmente, a importância do reconhecimento da história individual de cada caso e o encaminhamento para um atendimento psicológico especializado são ações fundamentais no trabalho com vítimas de abuso sexual. As implicações no desenvolvimento psíquico das vítimas são muito complexas, afetando de forma intensa a capacidade de integração afetiva. Desta forma, destaca-se a importância do prosseguimento de pesquisas longitudinais sobre as trajetórias desenvolvimentais, para que, a longo prazo, possa-se verificar a extensão das conseqüências da violência sexual na subjetividade de mulheres abusadas na pré-adolescência. A maior compreensão das implicações no desenvolvimento psicológico das vítimas pode fundamentar tanto o trabalho clínico focalizando casos específicos como oferecer subsídios para ações preventivas e educativas sobre a temática.

Referências

- Aberastury, A. (1992). *Psicanálise da Criança: teoria e técnica*. 8a ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- ABRAPIA, Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência (2007). *Abuso sexual: Mitos e realidade*. Petrópolis: Autores & Agentes & Associados.
- Albornoz, A. C. G.; Nunes, M. L. T. (2004). A dor e a constituição psíquica. *Psico – USF*, v.9, n.2, p.211-218.
- Amazarray, M. R. & Koller, S. H. (1998). Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 3, 559-578.
- Arenella, J., & Ornduff, S. R. (2000). Manifestations of bodily concern in sexually abused girls. *Bulletin of the Menninger Clinic*, 64, 530-542.
- Armstrong, J. G., & Loewenstein, R. J. (1990). Characteristics of patients with multiple personality and dissociative disorders on psychological testing. *Journal of Nervous and Mental Disorders*, 178, 448–454.
- Anzieu, D. (1986). *Os métodos projetivos*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Campus.
- Araújo, M. F. (2002). Violência e abuso sexual na família. *Psicologia em Estudo*, 7, 3-11.
- Arzeno, M.E. (1995). *Psicodiagnóstico clínico: novas contribuições*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Avery, L.; Hutchinson, K. D. & Whitaker, K. (2002). Domestic violence and intergenerational rates of child sexual abuse: A case record analysis. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 19, 77-90.
- Benetti, S. P. C. (2002). Maus-tratos da criança: Uma abordagem preventiva. In: Hutz, S. (Org.), *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: Aspectos teóricos e estratégias de intervenção*. 131-148. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Bergeret, J. (1998). *A personalidade normal e patológica*. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed.
- Bergeret, Jean. (2006). *Psicopatologia – teoria e clínica*. 9ª ed. Porto Alegre: Artmed.
- Billingsley, R. (1995). Indicators of sexual abuse in children's Rorschach responses: An exploratory study. *Journal of Child Sexual Abuse*, 4, 83-98.
- Bleger, J. (1998). *Temas de psicologia: entrevista e grupos*. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Blos, P. (1998). *Adolescência: Uma Interpretação Psicanalítica*. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Buck, J. (2003). *H-T-P: casa-árvore-pessoa, técnica projetiva de desenho: manual e guia de Interpretação*. 1ªed. São Paulo: Vetor.
- Chabert, C. (1993). *A psicopatologia no exame de Rorschach*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Corso, D.L.; Corso, M. (2006). *Fadas no Divã – psicanálise nas histórias Infantis*. Porto Alegre: Artmed.
- Costa, R. A. N. (2007). A evolução da perspectiva psicodinâmica no abuso sexual de crianças: da psicanálise da teoria da sedução à psicanálise do complexo de Édipo. *Psicologia.com.pt*, p.1-7. Acessado em 18 de dezembro de 2007. Fonte: www.Psicologia.com.pt.
- Cyrlunik, B. (2005). *O murmúrio dos fantasmas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Cromberg, R. U. (2001). *Cena Incestuosa: abuso e violência sexual*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Davies, J. M., & Frawley, M. G. (1994). *Treating the adult survivor of childhood sexual abuse- A psychoanalytic perspective*. New York: Basic Books.
- Eizirik, C. L. (2006). Psicanálise e pesquisa. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28, 171-172.
- Faiman, C.J.S. (2004). *Abuso sexual em família: a violência do Incesto à luz da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ferreira, A.L., Schramm, F.R. (2000). Implicações éticas da violência doméstica contra criança para profissionais de saúde. *Revista de Saúde Pública*, 34, 659-665.

- Finkelhor, D. (1994). The international epidemiology of child sexual abuse. *Child Abuse and Neglect*, 18, 409-417.
- Fontes, M. G. G.; Scheffer, M.L. S.; Kapezinski, N. S. (2007). Elementos indicativos de abuso sexual na infância obtidos pelo método Rorschach. *Revista Hospital de Clínicas de Porto Alegre*, 27, sem página.
- Freud, S. (1923-1925 / 1996). A dissolução do Complexo de Édipo (1924). In: *Obras completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1923-1925 / 1996). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: *Obras completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, v.XIX. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1927-1931 / 1996). Sexualidade Feminina (1931). In: *Obras completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago.
- Furniss, T. (1993). *Abuso sexual da criança: Uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Garb, H. N., Wood, J. M., Nezworski, M. T. (2000). Projective techniques and the detection of child sexual abuse. *Child Abuse & Neglect*, 24, 437-438.
- Gil, A. C. (2006). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Guiter, J. B. (2000). Traumas precoces. Abuso sexual, daño en la constitución del psiquismo infantil. *Revista de Psicoanálisis*, 57, 405- 432.
- Güntert, A. E. V. A. Técnicas Projetivas: o geral e o singular em avaliação psicológica. Citado por: Sisto, F. F.; Sbardelini, T. B.; Primi, R. (orgs.). (2001). *Contextos e questões da avaliação psicológicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Gravenhorst, M. C. (2002). Rorschach psychodiagnosis of psychic trauma in sexually abused children. Rorschachiana, In.: Jung, F.H. (2006). *Abuso Sexual na Infância: uma Leitura Fenomenológica-Existencial através do Psicodiagnóstico Rorschach*. Dissertação da Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

- Habigzang, L. F., Koller, S. H.; Azevedo, G., A. & Machado, P. X. (2005). Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: Aspectos observados em processos jurídicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21, 341-348.
- Habigzang, L. F.; Corte, F. D.; Hatzenberger, R.; Stroehrer, F. S.; Koller, S. H. (2008). Avaliação Psicológica em casos de abuso sexual na infância e adolescência. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21, 338-344. Disponível em www.scielo.br/prc.
- Hachet, A. (2006). Entre prevenir e normalizar, que lugar terá o sofrimento da criança? *Ágora*, 9,27-34.
- Herrmann, F. (2004). Pesquisando com o método psicanalítico. In Herrmann, F. & Lowenkron, T. (Orgs.), *Pesquisando com o método psicanalítico* (p. 43 - 83). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Intebi, I. (2008). *Abuso sexual Infantil: em las mejores familias*. 1ª ed. Buenos Aires: Granica.
- Kamphuis, J. H., Tuin, N., Timmermans, M., Punamaki, R. L. (2008). Extending the Rorschach Trauma Content Index and Aggression Indexes to Dream Narratives of Children. *Journal of Personality Assessment*, 90, 578 - 584 2008
- Kamphuis, J. H., Kugeares, S. L., & Finn, S. E. (2000). Rorschach correlates of sexual abuse: Trauma content and aggression index. *Journal of Personality Assessment*, 75, 212-224.
- Laplanche, J. (1998). *Vocabulário de Psicanálise / Laplanche e Pontalis* (3ª edição). São Paulo: Martins Fontes.
- Leavitt, F. (2000). Texture response patterns associated with sexual trauma of childhood and adult onset: developmental and recovered memory implications. *Child Abuse & Neglect*, 24, 251–257.
- Lejderman, A. T. (1991). Comentários sobre o trabalho: Abuso Sexual na Infância – diferentes modalidades de intervenção. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 13, 125-208.

- Lowenkron, A. M., Frankenthal. O problema da avaliação diagnóstica em psicanálise de crianças in Grana e Piva (Orgs.) (2001). *Atualidade em Psicanálise Infantil*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Macdonald, G. M., Higgins, J. P. T. & Ramchandani, P. (2007). Cognitive-behavioural interventions for children who have been sexually abused (Cochrane Review). *The Cochrane Library*, 4.
- Mariuza, C. A.; Azeredo, C.; Netto, L.S. (2004). Abuso sexual na infância; um estudo através da técnica de Rorschach. In: Vaz, C. E.; Graeff, R. L. (orgs.) (2004). *III Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Rorschach e Outros métodos projetivos – Técnicas projetivas: Produtividade em pesquisa*. Porto Alegre: SBRo.
- Matias, D. P. (2006). Abuso sexual e sociometria: Um estudo dos vínculos afetivos em famílias incestuosas. *Psicologia em Estudo*, 11, 295-303.
- Mendoza, J. D. Q., Valdez, N. P., Pal, S. G. & Rodriguez, C. G. (1999). Comprensión psicoanalítica del contenido de um delírio. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 21, 74-79.
- Mess, L. A. (2001). *Abuso sexual – Trauma Infantil e fantasias femininas*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Nasio, J. D. (2007). *Édipo: O complexo do qual nenhuma criança escapa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Efron, A.M.; Fainberg, E.; Kleiner, Y.; Sigal, M.; Woscoboinik, P. A Hora de Jogo Diagnóstica citado por: Ocampo, M.L.S.; Arzeno, M.E.G.; Piccolo, E.G. e cols. (2001) *O Processo Psicodiagnóstico e as técnicas projetivas*. (p. 205 – 252). 10ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Organização Mundial da Saúde (1999). *WHO recognizes Child Abuse as a major public health problem*. Acessado em dezembro de 2007 no site: <http://www.who.int>.
- Padilha, M. G. S. & Gomide, P. I. (2004). Descrição de um processo terapêutico em grupo para adolescentes vítimas de abuso sexual. *Estudos de Psicologia*, 9, 53-61.
- Pinto, E. B. (2004). A pesquisa qualitativa em Psicologia Clínica. *Psicologia USP*, 15, 71-80.

- Piperno, F., Di Biasi, S., Levi, G. (2007). Evaluation of family drawings of physically and sexually abused children. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 16, 389-397.
- Pfeiffer, L. & Salvagni, E. (2005). Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. *Jornal de Pediatria Rio de Janeiro*, 81, (Supl5), 197 - 204.
- Prado, M. C. C. A. & Féres-Carneiro, T. (2005). Abuso sexual e traumatismo psíquico. *Citado porterações*, 10, 11-34.
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de Caso: Planejamento e métodos* (3ª edição). Porto Alegre: Bookman.
- Young-Bruehl, E. (2004). A maltreated girl: A case and a theoretical commentary. *Psychoanalysis, Culture & Society*, 9, 4 –22.
- Rovinski, S. (2007). *Fundamentos da perícia psicológica forense*. 2ª ed. São Paulo: Vetor.
- Traubenberg, N. R. (1998). *A prática do Rorschach*. São Paulo: Vetor.
- Vagostello, L.; Silva, M. S. A.; Tardivo, L. S. P. C. (2004). Os efeitos do abuso sexual em crianças pequenas: um estudo de caso. In: Vaz, C. E.; Graeff, R. L. (orgs.) (2004). *III Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Rorschach e Outros métodos projetivos – Técnicas projetivas: Produtividade em pesquisa*. Porto Alegre: SBRo.
- Van der Kolk, B. A., & Ducey, C. (1989). The psychological processing of traumatic experience: Rorschach patterns in post-traumatic stress disorder. *Journal of Traumatic Stress*, 2, 259–274.
- Zivney, O. A., Nash, M. R., & Hulsey, T. L. (1988). Sexual abuse in early versus late childhood: Differing patterns of pathology as revealed on the Rorschach. *Psychotherapy*, 25, 99-106.
- Winnicott, D.W. (1984). *Consultas Terapêuticas em psiquiatria Infantil*. Rio de Janeiro: Imago.

Anexos

Anexo 1



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação
Comitê de Ética em Pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro Responsável:

Estamos realizando um estudo com o objetivo de melhor compreender o desenvolvimento psicológico de crianças e adolescentes. Gostaríamos de convidar sua filha (neta, sobrinha, etc.) a participar deste trabalho. Sua colaboração é muito importante para nós, pois os resultados deste estudo auxiliarão os profissionais no atendimento de meninas e meninos em situação de violência.

A participação nesta pesquisa consistirá de entrevistas e aplicação de um instrumento psicológico. Os dados obtidos serão devolvidos e discutidos ao final do trabalho. Portanto, você receberá um retorno de sua participação. Entretanto, você pode interromper sua participação a qualquer momento do trabalho sem que haja qualquer prejuízo ao seu atendimento psicológico. Além disto, você não será identificado em nenhum momento, sendo que sua identidade e dados familiares não serão revelados, assim como será mantida em sigilo a identidade da adolescente.

Você também pode solicitar informações e esclarecimentos que achar necessário e contatar a pesquisadora responsável por este trabalho, Bibiana Godoi Malgarim – CRP: 07/13403, a qualquer momento, pelo telefone 55 32170026 ou 55 99447308, ou no próprio ACOLHER. Este Termo deverá ser preenchido e assinado em duas vias, sendo que uma permanecerá com você e a outra deverá ser devolvida ao pesquisador.

Desde já, agradecemos sua contribuição para o desenvolvimento deste trabalho e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais.

Psicóloga Bibiana Godoi Malgarim – CRP: 07/13403

Endereço: Rua: Alberto Pasqualine, 121, sala 402. Santa Maria.

Frente ao que foi acima exposto, eu, _____
expresso meu consentimento em relação à minha participação na pesquisa e autorizo a participação da adolescente na pesquisa.

Assinatura: _____

Santa Maria, _____ de 2008.

Av. Unisinos, 950 Caixa Postal 275 CEP 93022-000 São Leopoldo Rio Grande do Sul, Brasil
Fone: (51) 3591-1198 ou ramal 2198 Fax: (51) 3590-8118 <http://www.unisinos.br>

CRP - UNISINOS
VERSÃO APROVADA
CRP: 07/13403.1.28.
JP